



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ARTES – IARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO – MESTRADO PROFISSIONAL EM
ARTES – PROF-ARTES**



ANA CAROLINA COUTINHO MOREIRA

TEATRO PARA ADOLESCENTES DO ENSINO FUNDAMENTAL: PROCESSOS
DE CRIAÇÃO E OS USOS DA MEMÓRIA

UBERLÂNDIA
2016

ANA CAROLINA COUTINHO MOREIRA

TEATRO PARA ADOLESCENTES DO ENSINO FUNDAMENTAL: PROCESSOS
DE CRIAÇÃO E OS USOS DA MEMÓRIA

Artigo apresentado ao Programa de Pós-Graduação, Mestrado Profissional em Artes – **PROF-ARTES** – da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Artes.

Área de concentração: Abordagens teórico-metodológicas das práticas docentes.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Humberto Martins Arantes

UBERLÂNDIA

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

M838t Moreira, Ana Carolina Coutinho, 1987
2016 Teatro para adolescentes do ensino fundamental: processos de
criação e os usos da memória / Ana Carolina Coutinho Moreira. - 2016.
80 f. : il.

Orientador: Luiz Humberto Martins Arantes.
Artigo (mestrado profissional) - Universidade Federal de
Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Artes.
Inclui bibliografia.

1. Teatro - Teses. 2. Pedagogia do teatro - Teses. 3. Memória -
Teses. 4. Identidade social - Teses. I. Arantes, Luiz Humberto Martins.
II. Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em
Artes. III. Título.

CDU: 792



Teatro para adolescentes do Ensino Fundamental: processos de criação e os usos da memória.

Dissertação defendida em 05 de julho de 2016.

Prof. Dr. Luiz Humberto Martins Arantes – Orientador/Presidente

Prof.ª Dr.ª Raquel Discini Campos – FAGED/UFU

Prof.ª Dr.ª Mara Lucia Leal – UFU

SUMÁRIO

Resumo.....	3
Introdução.....	4
1. A ideia para a pesquisa: um questionamento em torno da escola.....	5
2. Acerca das memórias e das experiências possíveis no contexto escolar.....	12
3. Jogos teatrais: ponto de partida para teatro na escola.....	23
4. Considerações finais.....	31
REFERÊNCIAS.....	34
ANEXO. Pistas para uma caminhada da memória no teatro: processos de criação e os usos da memória.....	36

Resumo: Este artigo apresenta reflexões sobre o poder do trabalho de memória, em Estudos de Teatro, como uma experiência artística dentro da sala de aula. Em diálogo com os autores Henri Bergson e sua análise da memória, Jorge Larrosa e seu conceito de experiência, Marina Marcondes Machado, Viviane Mosé e Celso Favaretto na aprendizagem da arte, a autora deste artigo reflete em sua prática como professora de teatro. Tal pesquisa visou descobrir como experimentos relativos à memória poderiam fazer o teatro na escola ser mais atraente e motivador para os alunos. Outro objetivo desta pesquisa foi compreender a influência que a escola assume na construção de identidades do aluno e como esta reage a seu ambiente escolar.

Palavras-chave: memória, teatro, pedagogia do Teatro.

Abstract: This paper presents reflections on the power of memory work, in Drama Studies, as an artistic experience into the classroom. In dialogue with the authors Henri Bergson and his analysis of memory, Jorge Larrosa and his concept of experience, Marina Marcondes Machado, Viviane Mosé and Celso Favaretto in the art of learning, the author of this article reflects on her own practice as a drama teacher. This research aimed to find out how experiments related to memory could make drama in school to be more attractive and motivating for students. Another objective of this research is to understand the influence that school assumes in the construction of its student's identity and how the student reacts to the school's environment.

Key words: memory, Theater, Theater Pedagogy

Introdução

Minha ideia é perceber a influência que a escola exerce na forma de agir e pensar desses jovens, bem como entender a sua visão frente às regras e espaços que a escola lhes disponibiliza. Entender como a construção de suas identidades lida com o espaço escolar, muitas vezes regado como uma fábrica e fechado como uma prisão. Perceber se há artifícios para burlar as regras ou se os próprios alunos teriam ideias para melhorar a convivência nesse espaço que é o mesmo há anos. Fazê-los refletir quanto à necessidade dessas regras e pensar: Se fosse de outra forma, adquiriam a liberdade e desejos de reestruturação? (Diário pessoal, 2014)

Este artigo acompanha o material pedagógico (anexado ao fim deste) que criei com o intuito de abrir possibilidades aos professores de teatro para trabalharem as memórias de seus alunos na produção teatral. O material pedagógico é um trabalho que propõe caminhos que muitas vezes se bifurcam e, assim, nos oferece a oportunidade de escolhas, como tudo na vida. Produzi-lo foi uma opção que surgiu após minha qualificação. O trabalho pedia que o resultado fosse dividido entre os professores formados em teatro, servindo assim de norte e inspiração para levar esse conteúdo em atividades pedagógicas desenvolvidas para a sala de aula.

Trago aqui a prática da pesquisa feita com duas turmas distintas, partindo do fato de que a rotina de uma escola é cheia de imprevistos (eventos, provas do governo, provas bimestrais, etc.). Foram vários os fatores que atrasaram o trabalho e até impediram que fosse melhor realizado: a não disponibilidade de espaço para as aulas práticas; as quadras que não podiam ser usadas a não ser para as aulas de Educação Física fez com que a sala de aula se tornasse foco para a prática com um tempo reduzido; retirar as carteiras; retornar as carteiras antes da próxima aula; menos tempo para a prática; liberação de alunos para pegar materiais, para escolherem número de uniformes; palestras; paralisações dos professores e alunos sem aula. Enfim, vários são os motivos para impedir que um trabalho siga de forma mais favorável. Houve um período de troca de professor pedido pela prefeitura, em uma das escolas, quando eu estava perto de finalizar o trabalho prático, o que possibilitou eu passar meu cargo para apenas uma escola.

O fato de ter saído da Escola Municipal Cecy Cardoso¹ impossibilitou que o trabalho fosse finalizado. Foi uma escolha difícil de tomar, mas uma oportunidade muito boa para mim no futuro. Atuar somente uma escola oportunizou muitas melhorias ao meu trabalho pela vivência cotidiana com a direção e com toda a gestão da escola, bem como com os alunos, além de ter melhorado também minha locomoção, os planejamentos e reuniões. Cada escola exigia trabalhos e simulados diferentes, o que fazia com que meu planejamento fosse feito duas vezes. Havia dias em que eu tinha que sair de uma escola e ir até a outra no mesmo turno, o que acarretava quebras de horários e problemas de locomoção. A princípio, penso ser uma decisão que trará benefícios à minha profissão em longo prazo, uma vez que sou uma professora de cargo efetivo.

Apesar dos problemas e percalços que envolvem a vivência no contexto escolar, quero registrar o que de fato foi significativo em uma experiência vivida em duas escolas com temas distintos, mas com o mesmo norte – a memória dos alunos: pessoal, corporal e espacial. Para tanto irei trilhar o seguinte caminho: a ideia para a pesquisa acerca das memórias e das experiências possíveis no contexto escolar; o porquê dos jogos teatrais terem sido a base da entrada do teatro na sala de aula (partindo da ideia de que o jogo é algo inato ao homem), pois eles proporcionam uma integração e concentração dos participantes (alunos) para a prática teatral em sala de aula, fundamental para as práticas ligadas ao tema “memória” desenvolvida nas escolas. Os jogos teatrais foram os pontos iniciais para a construção do trabalho, pois partimos deles para depois focar no tema de pesquisa: a memória.

1. A ideia para a pesquisa: um questionamento em torno da escola

Qual o lugar do teatro na escola? Durante minha graduação fiz essa pergunta, e várias respostas surgiram em minha mente, muitas das quais sugeriam maneiras de o teatro estar na escola: dialogando com outras matérias e proporcionando um momento agradável, diferente das outras disciplinas. Eu poderia, ademais, proporcionar aos alunos (principalmente para os adolescentes) uma reflexão sobre seu cotidiano; poderia discutir música, artes visuais, política; trabalhar a desinibição e descomplicar o ato de se falar em público. Um leque de possibilidades vinha à minha mente, mas entrando na

¹ A Escola Municipal Professor Cecy Cardoso Porfírio está situada na cidade de Uberlândia, onde trabalhei do início do ano de 2013 até julho de 2015, quando surgiu a oportunidade de transferir todo meu cargo para a Escola Municipal Leônicio do Carmo Chaves, onde também dava aula no mesmo período.

escola esse leque se mostrou totalmente restrito, sobretudo por causa da falta de espaço para a prática teatral, da falta de recursos e até da falta de interesse dos alunos.

O teatro é uma prática desconhecida para a maioria dos estudantes, que o confundem com a TV e, quando o conhecem, não acreditam em sua força, achando que é apenas entretenimento – digo *maioria*, pois encontramos alunos que demonstravam um interesse pelo teatro, apesar de raros, muitas vezes interesse herdado de familiares e amigos amantes dessa arte. Ademais, a própria escola não acredita em sua força processual, mesmo sabendo que o teatro é uma arte carregada de cultura e que muitas outras artes podem estar contidas nele. O teatro, na escola, acaba se transformando em um recurso para as festas com presença dos familiares (aquele “teatrinho” de Dia das Mães e final do ano), a fim de mostrar aos pais que seu filho faz artes e tem obtido resultados. Mas e o processo? Esse aluno representou algo que proporcionou alguma reflexão? Muitas vezes não. E ainda corre o risco de ser criticado.

A partir da minha efetivação como professora da rede municipal de ensino de Uberlândia, em 2012, surgiram algumas questões: estaria no lugar certo? Realmente queria ser professora de Artes? Essas questões foram respondidas com o passar dos meses e com a confiança de que todo aquele estranhamento fosse normal, frente à mudança da condição de estudante para a função de professora. E durante todo o início dessa nova experiência, me vinham memórias do tempo em que era aluna, como lembranças de professores importantes em minha trajetória, divisores de águas. Os anos em que passei na escola como estudante, tanto na escola formal quanto na graduação em teatro, formaram memórias em mim: de convivência com os colegas; momentos marcantes vivenciados dentro desses espaços como as festas, ações culturais; a vivência com professores e trabalhadores do ambiente escolar; os nervosismos gerados pelas notas baixas; as alegrias das notas altas; as escapadas para a biblioteca nas aulas de Educação Física. Toda essa produção de significados ficou registrada na memória e me levou à conclusão que a escola formava memória nos alunos – não a escola em si, mas toda a possibilidade de experiências que ela proporciona aos que convivem diariamente ali. Por que, então, não utilizar as memórias que a escola proporciona a fim de trabalhar teatro na escola?

Partindo de minha experiência como aluna do ensino básico, que me levou a graduar e me tornar professora de teatro, pretendo utilizar a memória nas aulas de teatro, tanto a memória familiar e pessoal do aluno, quanto a memória que a escola provoca nele. Não é meu objetivo levar o aluno a querer se graduar em teatro, mas utilizar o

teatro e a memória, de forma a tornar seu processo de aprendizagem mais significativo: uma aprendizagem de si, uma aprendizagem de mundo. Quando partimos de nós mesmos, de nossa realidade, as experiências ficam mais significativas afetivamente.

A preferência pelos adolescentes já estava clara para mim desde a universidade. Todos os estágios e projetos ligados à pedagogia do Teatro que exerci no período de graduação tendiam para adolescentes (11 a 18 anos). Estando agora efetivada no município, sentia a necessidade de aprimoramento, de mergulhar e entender como minha prática interferiria no cotidiano de alunos que muitas vezes sofriam ao passarem pela fase mais cheia de questões e conturbações: a adolescência, encontro de identidades, descoberta do eu no mundo e do mundo no eu, aumento de responsabilidade, hora de começar a pensar no futuro, indecisão se ainda são crianças e podem brincar ou se são adolescentes e devem namorar, sexualidade, intrigas familiares, descoberta de gêneros, sociedade, mercado de trabalho, etc.

Mas como propor as atividades que trabalhem a pessoalidade dos alunos e sua memória ao encontrar uma escola cheia de problemas e com alunos desmotivados? Todos os obstáculos serviram de motivação para essa busca. Diante de tantas questões, cresceu o desejo de encontrar respostas para assim potencializar a legitimação do ensino do teatro na escola básica, local onde estarei inserida por tempo indeterminado uma vez que sou funcionária efetiva. Ser professora efetiva, no entanto, encerra seus amores e suas dores, uma das quais é deixar a desejar na função pesquisadora, pois a escola consome muita energia do professor já que levamos para a casa a maioria de afazeres. A pesquisa, por sua vez, pede uma intervenção direta com os alunos, futuros parceiros nessa empreitada, mas muitas vezes a própria escola corta esse laço com cobranças de resultado (teatro do Dia das Mães, por exemplo) e exposições de trabalhos dos alunos (desenhos e pinturas). Uma das exigências que mais me incomoda é a escola não aceitar um professor trabalhar apenas umas das áreas artísticas no município de Uberlândia – várias vezes fui advertida que não poderia trabalhar somente teatro em sala de aula já que passei em um concurso para professora de artes em geral. Tentei argumentar sem sucesso e isso me desmotivou muito, o que travou uma luta diária com a coordenação escolar. O que não me deixa desistir é, sobretudo, a relação que mantenho com meus alunos, pois eles me motivam a continuar pesquisando e a lutar pela melhoria do meu trabalho.

Após um tempo de convivência com os alunos no qual trabalhamos a prática teatral e debatemos temas pertinentes à pesquisa, a motivação deles me arrastou ao

desejo de aprimorar meu conhecimento em torno da pedagogia teatral; de aliar conhecimento e prática em sala de aula; de gerar materiais pedagógicos para subsidiarem as práticas de professores nas escolas; de propiciar a reflexão artística dos alunos; e a oportunidade de associar as atividades de formação com pesquisa, colaborando com o desenvolvimento de recursos humanos na aprendizagem e na produção de novos conhecimentos para a área. Acredito ser esse o ponto mais importante: pesquisas que levam à aprendizagem e à produção de novos conhecimentos. Quando essas pesquisas são apoiadas pelos que mais interessam em toda essa jornada, os alunos, tudo cria sentido e a vontade de se alienar e desistir passa.

A pesquisa é um caminho que aprimora a prática como professora, e isso me incita a motivar os alunos a buscarem respostas para questões pertinentes, formar opiniões, revelar caminhos, dialogar com suas inquietações perante a sociedade e a si mesmo. A pesquisa me estimula, também, a enfatizar a importância do diálogo com colegas e familiares, a estar aberta a novas atribuições e opiniões, ao diferente através da expressividade e da arte cotidiana desses alunos, muitas vezes esquecidas ou despercebidas por si mesmos. Ela me instiga a estimular os alunos a pensar na diferença interpessoal como algo comum, pois isso é o que marca sua personalidade. Ser diferente não foge em nada da normalidade social, ainda mais no tempo atual. Mostrar uma forma de expressão sem pressão, de arte fora da televisão, de cores além do preto e do branco.

Pensar o lugar do teatro na escola e sua potência; pensar a adolescência na escola e como a prática cênica pode tornar essa passagem “mais doce e reflexiva”; ajudar o aluno a se apropriar das práticas teatrais realizadas no ambiente escolar, de maneira que elas façam sentido para ele; colocar a experiência escolar, autoritária e disciplinar, em diálogo com a memória pessoal do aluno, em seus aspectos de afetividade e carga de significados – esses são os objetivos principais desta pesquisa, realizados por meio de práticas cênicas (jogos, improvisações e cenas), motivados por memórias.

Os jogos tornarão os alunos mais conhecedores de si mesmos. Jogando, os alunos não irão adquirir apenas habilidades de performance, mas aprenderão também as regras básicas para contar histórias, apreciação da literatura e construção de personagens. Por meio do jogo, eles irão desenvolver imaginação e intuição, e descobrir como se projetar em situações não familiares. Ao serem expostos às suas possibilidades criativas e artísticas irão aprender a concentrar suas energias, a compartilhar aquilo que conhecem. Os jogos vão além

do aprendizado teatral de habilidades e atitudes, sendo úteis em todos os aspectos da aprendizagem e da vida. (MOREY apud SPOLIN, 2008, p. 27).

Quem é você? Quem você gostaria de ser? O que é memória? Qual sua memória significativa mais importante? Qual sua memória infantil mais viva? Qual memória a escola carrega? O que sua depreciação, seus prédios e grades fechadas, suas paredes riscadas e manchadas, seu sinal da fábrica, querem dizer? O quanto afeta o aluno, ou seja, você? Por que a escola está assim desde sempre? O que você pode fazer para melhorar tudo isso? Essas questões estão presentes e também foram feitas nas aulas, bem como as de memória pessoal desses estudantes, de modo a levá-los a refletir sobre si próprios na sociedade e na escola. A questão que mais chamou a atenção foi: Para você, o que é memória?

Alguns alunos buscaram no dicionário, outros foram mais “poéticos” e alguns bem sinceros como, por exemplo, o aluno Raul:

Pra mim memória é o mesmo que ter uma identidade, porque você não é alguém se você não tiver memórias do passado, como memórias de convivência familiar, de dias bons e de dias péssimos, de coisas boas que aconteceram e até memórias de conquistas de sua vida (Diário Pessoal, 2014).

Já Ana Carolina foi mais poética:

Pra mim são lembranças de tristeza, alegria, paixão mal resolvida, elas sempre vamos lembrar. Sempre haverá uma música, um perfume, uma palavra, um filme pra gente lembrar. Não só de uma pessoa, mas sim de um momento, uma viagem, enfim (Diário Pessoal, 2014).

Outras bem esclarecedoras como a do Ricky, um jovem bem curto nas palavras, decidido e atento a tudo: “Pra mim, memória não são lembranças. Pra mim, memória é saber quem somos, de onde viemos, pra onde vamos”. Outras, por seu lado, são realistas como a aluna Giovanna, que, embora quase não falasse, participava de tudo que era proposto: “Memória é a base, é a base de tudo. Você pode saber quem você é, das coisas boas e ruins que já aconteceram com você. Isso é muito legal. Cito a pessoa que fica com Alzheimer, é a pior doença, na minha opinião”. E ainda há aqueles alunos cheios de graça, que fazem todos rirem o tempo todo, mas que na hora de ir a público perdem a coragem e deixam a vergonha invadir, como o Guilherme:

Pra mim memória é algo que realmente foi bom ou ruim, que nunca sairá de nossos cérebros, mas que alguns anos não podemos nos lembrar tão rápido. A memória que eu nunca vou esquecer é aquela que hoje eu não lembro, então não espere que eu te conte apenas lembre-se que eu te desejo boas memórias (Diário Pessoal, 2014).

A pesquisa foi realizada em duas escolas do município de Uberlândia e bem próximas uma da outra: Escola Municipal Professor Leôncio do Carmo Chaves, no bairro Planalto, e Escola Municipal Professora Cecy Cardoso Porfírio, no bairro Mansour, ambas na Região Oeste. Em cada escola foi escolhida uma turma para ser o centro de minha pesquisa e, como esperado, elas seguiram por caminhos diferentes. Primeiramente, foram escolhidas as duas turmas que seriam foco da prática: na Escola Cecy, foi escolhido o 9º ano A porque havia mais alunos participativos em debates sobre o tema memória. No Leôncio não tive escolha, já que a única turma de 9º ano designada foi a E.

A ideia era preparar e realizar algumas intervenções cênicas, a fim de sentir o contato com o público. Chamo de “intervenção cênica” cenas performáticas curtas que podem acontecer em qualquer parte da escola ou mesmo fora, essas cenas seguem um roteiro preparado previamente com os alunos, o que diferencia de um ensaio teatral para uma cena marcada, com falas, cenário, iluminação, entre outros, assim como em um teatro mais tradicional. Na Escola Municipal Leôncio do Carmo Chaves, partimos, eu e meus alunos, da memória infantil e da magia da descoberta de si: a intervenção cênica trouxe ações corporais que mostraram “manias”, hábitos de infância marcantes e aconteceu na UFU, no início do mês de junho dentro da IV Mostra de Teatro Escolar no ano de 2015. Já na Escola Municipal Cecy Cardoso Porfírio, as memórias foram diferentes: partimos da memória que a escola carrega e deixa para os estudantes. Ocorreram intervenções e a ideia final foi um desfile de beleza onde mostraríamos fotos das partes bonitas e feias da estrutura escolar, fazendo ao final uma exposição de fotos no mês de maio; no entanto, os alunos quiseram fazer outra intervenção performática antes da final. Infelizmente não pudemos realizar a intervenção cênica final pelo fato de eu ter parado de lecionar nessa escola, mas o processo foi significativo.

Por isso trago no material pedagógico (em anexo) o detalhamento e algumas descrições do processo prático das duas turmas. Partimos para intervenções cênicas com o propósito de quebrar o paradigma de que teatro de verdade é aquele marcado com

começo, meio, fim e com base textual, uma escolha que não desmerece em momento algum os clássicos. O filósofo brasileiro Celso Favaretto faz uma ligação entre a arte contemporânea e a educação com enfoque na função da Arte na Educação; segundo ele o contemporâneo (tempo presente) é simultâneo ao moderno e traz alguns desafios também na área da educação:

Este é o desafio e a tarefa contemporânea: configurar e decifrar uma paisagem desconhecida, indeterminada, o que exige não a aplicação de um modelo ou sistema legitimados, inclusive os dispositivos articulados pela modernidade, mas o mergulho no heteróclito e na diferença, aí procurando inventar um ponto estratégico para fazer face à indeterminação. Entender, por exemplo, o conhecimento como processo, como devir que tem as propriedades do acontecimento, cujas regras e categorias não são dadas, mas se estabelecem na produção das relações (FAVARETTO, 2012, p.5).

Trabalhar intervenções cênicas pode trazer à tona o desconhecido, o incerto e uma forma de cena que trabalha o “aqui e agora”, sem muitas preparações prévias com relação à marcação de cena, trabalho de formação de personagem e procedimentos indispensáveis para a construção de um clássico, ou seja, que parta de um texto dramático. Como a ideia do trabalho foi partir da memória do aluno e da memória que a escola forma no aluno, partimos de trabalhos mais lúdicos e de sensações, como observar um local da escola, por exemplo, e pensar quais lembranças aquele local suscita no aluno, ou simplesmente levar o aluno a pensar em momentos marcantes de sua primeira infância na ânsia de transmitir isso para o corpo. Para tanto, uma sensibilização do corpo foi fundamental e para isso serviram os encontros com jogos teatrais e improvisações, trabalhando assim as relações dos estudantes, relações interpessoais e espaciais com o espaço escolar, por exemplo. Os resultados encontrados nada mais foram que um roteiro de todo processo vivido nesse trabalho.

Além do filósofo Favaretto, a discussão da arte no campo educacional caminha com a filósofa Viviane Mosé (2010). A principal fonte de inquietude que Mosé acionou em mim foi em sua palestra “A Educação”, feita em 2010 no Instituto CPFL Cultura, disponível na internet. Sobre o assunto memória, transitei entre os filósofos Henri Bergson (2006) e Walter Benjamin (1994) em consonância com o conceito de *experiência* de Jorge Larosa (2004). Para um embasamento dos exercícios práticos com os alunos, me apoio nos Jogos Teatrais na Sala de Aula de Viola Spolin (2008). Após esta introdução sobre o que é a pesquisa, o que me levou a realizá-la e acerca das

escolas e turmas trabalhadas, volto a mostrar partes do meu diário de bordo para deixar claro o que foi trabalhado. Entremeio a isso, teço minhas observações e construo o apoio teórico da pesquisa.

Todas as aulas propostas às quais recebo recusas me remete a Larosa: esses sujeitos estão negando a experiência e assim se negam ao conhecimento. E não digo aqui o conhecimento de português, matemática, história ou geografia, nem ao conhecimento de teatro, mas sim o conhecimento da vida. (...) E esse fechar é desesperador, é um fechar a cara, fechar para o mundo, se fechar em um estado totalmente hipócrita e egoísta de “não importa o que você acha, professora, eu sei o que é melhor pra mim!” Mas eles não sabem e se soubessem deixariam as experiências novas os atravessarem! E o problema de travar essas experiências é se privar de aprender para a vida, a vida em sociedade, a vida pessoal... Como querem dividir a vida social, usufruir dela, se nem ao menos eles conhecem a si mesmos? Como querem ser agentes de uma sociedade sem ao menos se deixar tocar pelo novo? Se protegem com uma capa e nada os atravessa de verdade, apenas passa por eles e é descartado em seguida. (Diário pessoal, 2014)

2. Acerca das memórias e das experiências possíveis no contexto escolar

[...] Quando pensamos esse presente como devendo ser, ele ainda não é, e quando o pensamos como existindo, ele já passou. Se ao contrário, você considerar o presente concreto e realmente vivido pela consciência, pode-se afirmar que esse presente consiste em grande parte no passado imediato (BERGSON, 2006, p.175).

A memória é um dos bens mais preciosos do ser humano: guardar acontecimentos marcantes faz com que criemos nossas identidades e marcas que nos diferenciam uns dos outros. Somos seres carregados de memória e ela tem sido meu objeto de pesquisa há algum tempo². Interessante perceber o quanto todo o contexto de minha formação como professora e o retorno à escola nessa função me leva a refletir sobre mim mesma. Poder sentir em meu corpo a vivência que eu buscava oferecer aos meus alunos por meio das práticas teatrais me deu ainda mais motivação para a pesquisa. A percepção é conhecimento puro!

² Durante a graduação em teatro foi realizada pesquisa na área de memória (PIBIC) dos anos de 2008 a 2010, dentro do projeto Estudos do texto teatral: história, criação e temas, coordenado e orientado pelo Prof. Dr. Luiz Humberto Arantes. Essa pesquisa resultou em vários artigos publicados e embasou meu TCC – Trabalho de Conclusão e Curso, defendido em 2012.

Toda percepção vem carregada de lembranças, pois nossos sentidos estão todos ligados a acontecimentos, vivenciados desde a nossa infância, e formam conhecimentos básicos à nossa sobrevivência. As vivências acumuladas durante a vida nos oferecem uma gama de imagens que podem ser usadas tanto para lembrar pessoas, momentos e coisas, como para criar ilusões. Pode-se dizer, então, que o ato criador está ligado à memória pessoal de cada um e isso fica evidente quando o contato com os alunos se estreita em torno desse tema. Sou afetada por sons, sorrisos, vozes e isso mobiliza lembranças há muito esquecidas dentro de mim. “(...) Mas, atenção, um requisito indispensável para aquele que ensina é que faça ele próprio o trajeto pela experiência da arte, simultaneamente como praticante, amador ou pensador das artes” (FAVARETTO, 2010, p. 234). Essa afecção sensibiliza minha percepção, o que me leva a viajar no tempo. Essa viagem me mobiliza ao futuro.

Poderíamos dizer que não temos poder sobre o futuro sem uma perspectiva igual e correspondente sobre o passado, que o impulso de nossa atividade para diante cria atrás de si um vazio onde as lembranças se precipitam, e que a memória é assim a repercussão, na esfera de conhecimento, da indeterminação de nossa vontade (BERGSON, 2006, p.68).

A memória em Bergson (2006) é a reelaboração do passado no presente, como um prolongamento do passado para o presente. É no presente que surge a intenção para que a memória se configure a partir das sensações e do corpo. A memória selecionaria lembranças que vão em direção à percepção de forma que possamos recordar do passado para escolhermos mais criticamente o presente. Para Bergson (2006), o corpo acessa a memória de forma fragmentada, nunca completa, pois a real memória está no espírito que reside em nosso corpo. Esse espírito guarda pedaços de lembranças em nós, memórias coletivas, memória de nossa espécie, e também as experiências pessoais que não existiriam se não fosse o social. Para ele temos duas memórias diferentes, embora quase sempre interligadas: a memória hábito e a regressiva ou espontânea, responsável pelas lembranças (BERGSON, 2006, p.93). Assim, a realidade seria composta pelas duas memórias, a hábito e a espontânea, sendo que:

[...] registraria, sob forma de imagens-lembranças, todos os acontecimentos de nossa vida cotidiana à medida que se desenrolam; ela não negligenciaria nenhum detalhe; atribuiria a cada fato, a cada gesto, seu lugar e sua data. Sem segunda intenção de utilidade ou de

aplicação prática, armazenaria o passado pelo mero efeito de uma necessidade natural (BERGSON, 2006, p.88).

Vejo possibilidades de despertar em meus alunos o interesse pela prática teatral a partir das suas memórias pessoais e sociais; poder proporcionar momentos diferenciados e experiências significativas no contexto escolar que possam se aproximar do sentido de experiência. A rotina diária está mais corrida, assim como os afazeres estão cada vez mais carregados de detalhes. Crianças estudam, fazem atividades físicas, vão a cursos e são acostumadas desde cedo a correr em demasia. Depois, quando adolescentes, a situação não muda muito, pois é o momento de se prepararem para o vestibular e para o futuro profissional, já que ninguém quer ficar de fora do mercado de trabalho. Se não bastasse tudo isso, ainda existe a tecnologia que informa o tempo todo: todas as dúvidas podem ser respondidas na internet, o que denota parecer que os jovens entendem sobre qualquer assunto. Mas será que realmente apreendem o que está na rede?

O teatro na escola abre espaço para várias discussões. A atualidade e suas tecnologias cada vez mais avançadas em conjunto com a quantidade de conhecimento que o aluno deve apreender, pois são tantas matérias separadas em “disciplinas”, tantas informações a serem gravadas e decoradas para a prova, que o estudante fica sem espaço para se afetar por algo que foge à cotidianidade escolar. Como se discute o teatro na escola se este não está presente? Aquilo que não passa por mim, efetivamente, não é entendido, não é compreensível. A presença do teatro na escola, tanto na forma de apresentações como em aulas, se torna então uma fuga do cotidiano escolar, muitas vezes repetitivo. O diferencial está nas dinâmicas de aula, nas improvisações e discussões que exigem uma boa aula de teatro, a despeito a maioria das escolas ainda não ofereça estrutura (espacial e temporal) para que a prática teatral seja oferecida, já que, na rede municipal de Uberlândia, o teatro é incluindo nas aulas de artes oferecidas uma vez por semana com carga horária de cinquenta minutos. Ademais, muitas vezes se exige que o professor abranja todas as áreas artísticas (visuais, música, dança e teatro), independente de sua formação específica.

A rotina de uma escola é muitas vezes maçante: carteiras enfileiradas, professoras no quadro passando matérias, alunos copiando, dúvidas, provas... Conversas e dispersões são logo reprimidas pelos professores. A escola continua a mesma há anos (MOSÉ, 2012). Mas os alunos, não. Aula de teatro na escola não pode ser nos moldes convencionais da estrutura escolar. É necessário possuir seu diferencial,

ter movimento e ser significativa para os estudantes, pois aí está a importância de um professor praticar a escuta sensível na relação com seus alunos. Alunos e professores unidos nas teatralidades, corporalidades, espacialidades e musicalidades de forma prática e, se possível, visual, ou seja, assistindo teatro como espectadores que possam dialogar com a arte apresentada.

Todo aprendizado só é significativo quando parte de nós mesmos, seja aprendizado de mundo, de sociedade, de convivência e o conhecimento pessoal. Para viver o conhecimento é preciso partir de um desejo, de uma vontade e muita, mas muita disposição, porque nem todo acontecimento é prazeroso. Pode ser dolorido. De qualquer forma, sem acontecimentos não há conhecimentos adquiridos e acontecimentos só se efetivam com o desejo.

Não se pode parar e esperar que as coisas aconteçam da melhor forma. Devemos estar dispostos para que as coisas ocorram, porque a existência acontece no agora. O presente é passageiro, ele deixa de ser “em um piscar de olhos” e o devir nada mais é do que sua consequência. Aguardamos a salvação futura ou nos apegamos à recordação do que passou, sonhando com um tempo (bom) que não volta mais. E nossa vida se perde entre as lembranças e o projeto do que será, mas nunca no agora.

Todo mundo possui um potencial criativo e isso é fundamental na criação artística. A questão é que muitos professores de arte deixam de valorizar o potencial do aluno para cair na mera reprodução de desenho. O aluno contemporâneo das evoluções tecnológicas do século XXI está ligado a todo tipo de informação e a todo o momento deve ser mobilizado de maneira diferenciada do que a antiga escola dita (MOSE, 2010).

Reconhecemo-nos sempre no outro, somos da mesma espécie, muitas vezes da mesma época, o que nos proporciona uma grande gama de possibilidades de aprendizado. O que o outro espelha em mim? O que temos em comum? O que posso aprender observando o outro, vendo o outro, escutando o outro? A atualidade não nos prepara para os encontros, já que não nos encontramos nem a nós mesmo, não nos conhecemos tanto como pensamos. Temos que nos encontrar para podermos encontrar o outro, sem problemas, sem angústias e sem estar escondidos em uma caixa. Para trocar com o outro, precisamos estar plenos, não desequilibrados nem alienados. Precisamos estar abertos (LARROSA, 2014).

O ser humano é o ser do estranhamento e quando nos estranhamos ou nos deprimimos, nos fechamos à experiência. Só *me* conheço pela relação com o outro e com o mundo: essa relação se dá quando estamos abertos, mas muitas vezes não

queremos nos magoar. Somos culturalmente adestrados a não nos depararmos com a dor, porém a dor é potente e criativa – ela indica e revela coisas que não vemos. Temos que olhar a nós mesmos e nos deixar tocar pelo outro e pelo mundo, voltar a atenção a nós mesmos como potência de acontecimento, pois somos seres intuitivos, e ao trabalharmos com a intuição a todo o momento podemos criar, já que ela faz parte da criação.

É possível dizer que a realidade é composta por lembranças evocadas dependendo do que a atualidade e a realidade pedem, com o intuito de serem utilizadas na ação que o corpo venha a desempenhar. Infelizmente essa lembrança perde um pouco dos detalhes que carregava para mais facilmente compor a realidade (BERGSON, 2006, p.111). Existe uma interferência da realidade atual nessas lembranças, como se os objetos da realidade se ligassem a elas. O cérebro teria a função de evocar as lembranças, que estariam guardadas virtualmente no “espírito”; seria função do cérebro também impedir que elas fossem perdidas por alguma doença. Para Bergson (2006), o cérebro não seria o responsável por guardar as lembranças e o esquecimento não seria um problema para a memória nem faria com que elas “morressem”. Ele afastaria as memórias não vitais sendo que essas poderiam ser acessadas posteriormente e atualizadas a todo momento quando houvesse uma exigência da vida. O que armazenamos são ações que exercemos, vivenciamos, experienciamos; não armazenamos o passado em si. A memória nada mais seria do que percepção pura, como dito anteriormente, a junção da percepção virtual (memória) com a percepção real (experiência sensorio motora, percepção corporal).

O conceito de experiência também está presente nos estudos de Benjamin (1994), assim como a relação entre experiência e narrativa. O narrar é um conceito do tempo moderno, assim ele valoriza também a questão da história (como narrativa) e do historiador, pois destaca a importância da memorização. No centro de seu estudo está então a linguagem produzida pelo homem e o que aconteceu na história. O homem se faz fazendo o mundo em que vive, ou seja, é pelas suas experiências que a história vai sendo escrita – história de vida social constituída de experiências pessoais. A linguagem se constitui frente a nós, ou seja, partindo da convivência em coletividade. Para Benjamin a intensidade dos acontecimentos é mais potente que o tempo cronológico.

Recorrer à memória não seria uma forma de reconhecê-la, mas sim de usá-la como uma crítica ao presente (no caso das intervenções artísticas que fizemos partindo de memória, uma forma de repensar o presente de forma lírica e crítica ao mesmo

tempo). A memória pode servir para se chegar a uma reflexão do passado, a fim de potencializar o presente e inovar o futuro. Resignificar o passado de forma artística e cênica.

As aulas de teatro na escola favorecem um local de encontro entre pessoas, e não um local de encontro entre um mestre provedor de todo conhecimento e de caixas vazias prestes a se encher de conhecimentos passadas por esse mestre. É um local de troca! Partindo desse pressuposto, chego a outro ponto importante: o teatro possui o potencial de proporcionar aos alunos e professores a energia, a disposição e a entrega. A espontaneidade que os jovens carregam da infância, em conjunto com a criatividade, podem formar arte contemporânea de acordo com a cotidianidade desses alunos, contemporâneo no sentido de arte atual, do indivíduo de nosso tempo, por isso o link com cotidianidade do aluno. A intervenção performática é uma forma de levar o teatro para a sala de aula, um local com espaço reduzido e tempo determinado, já que é muito complicado montar um espetáculo “tradicional” com falas, cenário e marcação com um tempo reduzido e fragmentado como o ofertado nas escolas. O contemporâneo surge para quebrar o que já está posto; assim o fazer artístico perde sua premissa básica de que a apreciação estética na escola deva estar ligada a uma data comemorativa, por exemplo. E a inovação que buscam as pessoas ligadas à educação? Como priorizar o processo se o professor se sente pressionado a apresentar um resultado? Isso acontece muito nas escolas em que trabalhei, pedem para que se apresentem resultados em tempos recordes sem ao menos terem ciência do quanto trabalhoso seria realizar uma montagem teatral bem-feita.

É, assim, necessário analisar o contexto dos estudantes a fim de aproximá-los do trabalho que vão realizar e fazer com que eles vejam sentido nesse fazer, não somente dando a justificativa de que o resultado será apresentado à comunidade, ou seja, aos pais. Observa-se, com frequência, em processo desses tipos, que os estudantes se abrem para o processo e sentem particularmente ativos ao fazê-lo e, mais, reconhecem-se no trabalho que estão desenvolvendo. Arte é vida. Como pode haver análise crítica sem análise do contexto no qual se está inserido? Tem que haver movimento, movimento corporal e de pensamento. Para que exista o encontro de si na arte, antes é preciso bagunçar!

Precisa existir movimento na aprendizagem, nem que seja o deslocamento da sala de aula para um espaço de apreciação artística. Por mais que o teatro seja uma arte antiga, ele carrega em si a narrativa e não existe nada mais eficaz no aprendizado do que a vivência de uma narrativa ao vivo, pois logo restará somente a lembrança do que foi visto e ouvido. O momento de morte é um momento de transmissão: o teatro nada mais é do que uma narrativa que nasce, é transmitida e morre. Mesmo o teatro contemporâneo que privilegia o cotidiano e as temáticas sociais; que quebra a quarta parede (separação entre público e plateia) trazendo o espectador como atuante da cena; que usa o texto como elemento de criação quebrando o mesmo; que acontece em qualquer lugar e sem muitos objetos cênicos. Envolver os alunos em uma intervenção cênica é dar voz para que o mesmo se coloque artisticamente, e deixa-lo narrar como sujeito da experiência, mesmo que o mesmo não use a fala.

[...] O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer. Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la *inteira*. O narrador é o homem que poderia deixar a luz ténue de sua narração consumir completamente a mecha de sua vida. Daí a atmosfera incomparável que circunda o narrador (...). O narrador é a figura na qual o justo se encontra consigo mesmo (BENJAMIN, 1994, p. 221).

Escutar uma história, presenciar uma cena teatral, ler um bom romance são ações que alimentam a imaginação, por isso sua importância, já que ao utilizar a imaginação podemos sair um pouco da realidade que nos assola e do nosso cotidiano tão corrido. Imagine poder contar uma história pessoal, uma memória social, um acontecimento marcante?

E se informações passam por eles, o que realmente é absorvido? O que realmente toca? Do excesso de atividades nas quais mergulhamos cotidianamente, o que realmente fica é cada vez mais raro, como disse Larrosa: “Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara” (LARROSA, 2004, p. 154). Nos tornamos sujeitos conhecedores de tudo, sabedores de tudo e cheios de opiniões. Não escutamos os outros e muitas vezes nos fechamos em nós mesmos e em nossas informações prontas. E mais, além de sujeitos informados nos tornamos sujeitos informantes. Não há, nas informações, crítica e argumentos, o que impede que a experiência ocorra. E quanto mais informação melhor, quanto mais assuntos a expor

ideias prontas, melhor, para nos sentirmos inseridos realmente na sociedade atual. E a experiência? E a vivência? E o *se deixar tocar por alguém ou algo*?

Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação (BENJAMIN, 1994, p. 203).

O excesso de opinião não nos abre brecha para a experiência. Somos obrigados a ter um posicionamento sobre tudo: entramos numa disputa de ideias avessas que esquecemos até do fato que, como seres humanos, temos o direito ao erro e a não termos opinião. O sujeito se torna um periódico de julgamento pessoal e, quando inserido socialmente em conjunto com vastas informações sobre tudo, acaba se tornando um sujeito periódico de informação pública: “Quer dizer um sujeito da informação e da opinião, um sujeito incapaz da experiência” (LARROSA, 2004, p. 156). Informações, opiniões, muitas vezes advindas da mídia de massa, em conjunto com a falta de tempo e a rotina de tantos afazeres, não permitem a experiência, muito menos a escuta.

O acontecimento nos é dado na forma de choque, de estímulo, de sensação pura, na forma de vivência instantânea, pontual e desconectada. A velocidade com que nos são dados os acontecimentos e a obsessão pela novidade, pelo novo que caracteriza o mundo moderno, impede sua conexão significativa. Impede também a memória, já que cada acontecimento é imediatamente substituído por outro acontecimento que igualmente nos excita por um momento, mas sem deixar nenhuma marca. O sujeito moderno é um consumidor voraz e insaciável de notícias, de novidades, um curioso impenitente e excitado e já se tornou incapaz de silêncio. E a agitação que caracteriza também consegue que nada lhe passe. Ao sujeito do estímulo, da vivência pontual, tudo o atravessa, tudo o excita, tudo o agita, tudo o choca, mas nada lhe acontece. Por isso, a velocidade e o que ela acarreta, a falta de silêncio e de memória, são também inimigas da experiência (LARROSA, 2004, p. 157).

Os excessos impedem a experiência: de preocupações, de trabalho, de obrigações. Estamos em lugares que requerem nossa atenção, mas pensamos nas milhares de coisas que precisamos cumprir, nos distanciamos dos acontecimentos presentes por pensar demais no futuro e o passado acaba abafado em meio a tudo isso. Temos que parar! Parar de tantas coisas e afazeres, de tantas informações, de tantas obrigações e normas, parar para que algo nos aconteça, nos desligar de tudo por um

instante para que sejamos atravessados verdadeiramente pelo que nos acontece. Segundo Larrosa (2004), para que sejamos atravessados e que algo nos passe:

[...] requer parar para pensar, para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA, 2004, p. 160).

Assistir a um espetáculo teatral nos leva a praticar muito do que Larrosa propõe, pois nos proporciona vivências fortes. A potencialidade do encontro teatral pode proporcionar muito aprendizado e não somente informações, mesmo que, em parte, as passe: uma experiência teatral deixa marcas, afeta quem assiste, deixa vestígios e registros, o que não é diferente quando se têm aulas de teatro na escola. Mas, nesse caso, não somente a apresentação do resultado ao público é valiosa, mas toda a construção do trabalho.

Nesse contexto, surge outra problemática: o tempo para as aulas de arte na escola é pouco, e por isso deve ser aproveitado ao máximo. A potencialidade pode estar em dar voz aos alunos, deixá-los expor sentimentos, sensações, desejos, críticas e por que não estimular a memória? Questões como a primeira paixão, o primeiro beijo, a perda do melhor amigo(a), as dificuldades de ser jovem e estar em transformação podem ser abordadas, pois são temas que circundam a vivência escolar e muitas vezes não são tratados em sala de aula. Ao poder colocar sua proposta em jogo, os alunos se sentem mais à vontade e familiarizados com a prática artística proposta pelo professor, o que os motiva a se expressarem e a se envolverem com o fazer teatral.

Na maioria das vezes o processo de criação em arte é mais significativo para os alunos do que seu resultado, pois é no processo que se discutem temas valiosos; é no processo que se depara com o autoconhecimento e o conhecimento do outro; é no processo que se transpõem barreiras importantes para o crescimento desse aluno; é no processo que se descobre o corpo como um local de acontecimentos. A aula, assim, pode ser um local de acontecimentos variados, como um ateliê de aprendizados com criações, experimentações: a vida pulsando nos estudantes, cada aula uma apresentação, uma vivência, uma intervenção cênica artística.

O homem tem uma infância, diferente dos outros animais, onde este aprende a falar, e para isso ele precisa conhecer um “eu”, esse eu falante, o eu que ele é. Se não fosse essa “pessoalidade” do homem, ele seria apenas pertencente à natureza e não um ser histórico, que se abre à possibilidade do saber, do conhecer, do se entender em conjunto com outros homens, em comunidade, em coletivo. O homem é um ser constituído de experiências e não apenas de informações que passam com ainda mais rapidez pelos homens modernos, que têm acesso a jornais, narrativa informativa dos meios de comunicação, essa criticada por Benjamim no artigo *O Narrador* (1994).

E o repertório do aluno? A criança em primeira idade aprende a andar. Mesmo sendo um hábito diário, a aquisição de esquemas de movimentação corporal passa a ser um repertório para a vida. Falar de si é também aprender, ver o outro falar de si é aprender com o outro: uma autobiografia que utiliza a recordação, a imaginação e a poesia artisticamente.

Discutir o campo atual da experimentação, no caso a escola e o convívio entre alunos e professores, é uma forma de encontrar brechas potentes de aprendizado. Analisar o campo de trabalho com a intenção de modificar o que está dado, tanto no ambiente quanto no aluno, na busca de compreender o presente a partir de uma totalidade fixada no passado ou de uma realização futura, é pensar na aula como um local de contágio. Inserir a modernidade na escola é uma forma de atrair o aluno pelo seu ponto forte: a sua atualidade, o seu contexto. É a partir dos sentidos que apreendemos o mundo; é no erro que posteriormente acertamos; é no descaminho que podemos encontrar um caminho de potência; é no estranhamento que surge a curiosidade para o conhecimento do sentido, problematizar “(...) mas antes, de reativação da atitude de crítica do permanente da atualidade, própria do ideal das Luzes, de tensionamento dos nexos entre passado e presente” (FAVARETTO, 2010, p. 229).

O diferente encanta, surge aí o desejo que é como um agente da potência do devir. A construção parte do desejo de ser o outro, da ficção que formulamos na mente do que podemos ser; para isso o estranhamento é importante, porque o real só pode existir partindo da atenção ao mundo e é no mundo que nos formamos pessoas: “Se a experiência é o que nos acontece e se o sujeito da experiência é um território de passagem, então a experiência é uma paixão” (LARROSA, 2004, p. 163).

E com o advento da modernidade tecnológica, que evolui a passos largos, algumas coisas vão perdendo sua importância e vão sendo deixadas de lado, como o

respeito (valores), a cultura e ao sujeito. E não estaria na escola a função de trabalhar esses aspectos?

Ao contrário, portanto, de a educação significar a condução à forma de um sujeito constituído, trata-se agora da destituição, da deposição desse sujeito, garantia da unidade da experiência. Justamente neste deslocamento estaria a contribuição efetiva da arte (FAVARETTO, 2010, p.230, 231).

Formar-se é o mesmo que ter uma real experiência! É um lançar-se para além de si. É uma vivência com o mundo e com as pessoas que o habitam, com o real e momentâneo, com as diversas culturas e estilos diversos de as pessoas se posicionarem frente ao mundo. É enxergar a internet como uma informação e procurar sentir e vivenciar aquela informação pessoalmente, como quando assistimos a um show pela TV e depois temos a oportunidade de ir ao mesmo show ao vivo: é outra sensação, outra emoção, assim como difere assistir a uma peça teatral gravada e a mesma no teatro: aquele arrepio do aqui e agora não é deixado somente como uma informação, ele é gravado na memória em toda sua potencialidade vivida. Experimentar pode ser entendido como transformação, viver uma experiência é o mesmo que deixar de ser o que se é e passar a ser outro.

A formação deve ser caminho para o desenvolvimento pessoal, o sensível e o racional, a união da dignidade moral e a felicidade. É necessário pensar a educação no horizonte das transformações contemporâneas aliando elementos da vida cotidiana e do pensamento do aluno, pois o contemporâneo em si possui várias camadas de tempo. O que seria ideal para uma aula de teatro potente na escola? Não tenho essa resposta, mas diria que é um caminho menos doloroso e muito mais agradável: “Eis aí o valor disruptivo da arte na educação em que o aprendizado surge pelo espírito de investigação, pela interpretação dos signos da experiência” (FAVARETTO, 2010, p. 232). A arte não está com a função na educação, da compreensão nem do adestramento artístico, mas na experiência que pode ser partilhada por todos os envolvidos, vivenciando o novo e o desconhecido o estudante pode experimentar outras formas de vivenciar e fluir a arte.

Se “A experiência é a passagem da existência...” (LARROSA, 2004, p. 162), no teatro há várias formas de existir, por isso a prática teatral é potente em lançar o aluno ao risco e à diversidade da experiência, como quando o aluno se expõe em público, em um exercício cênico, por exemplo, ele se lança ao perigo da exposição e do julgamento

do outro. Esse risco pode ser enriquecedor, pois pode proporcionar mais segurança a esse aluno em conviver na sociedade, em se expor e se colocar no mundo, não trabalhando apenas a sensibilidade, mas trabalhando também questões pertinentes a desenvolvimentos diversos do aluno como seu pensamento, sua articulação frente a problemas, sua forma de vislumbrar a vida e de planejar seu futuro.

Na arte surgida dessa atitude, patente nas atividades contemporâneas, as obras, os experimentos, as proposições de toda sorte, funcionam como interruptores da percepção, da sensibilidade, do entendimento; funcionam como um descaminho daquilo que é conhecido. Uma espécie de jogo com os acontecimentos, de táticas que exploram ocasiões em que o sentido emerge através de dicções e timbres, nas formas não nos conteúdos; uma viagem pelo conhecimento e pela imaginação: são imagens que procuram captar o tipo de deslocamento da subjetividade promovido pelas obras da arte. (FAVARETTO, 2010, 232).

Penso no teatro na escola como indutor de conhecimento, como criador de memórias. Voltamos assim à questão de que esse aluno também deve estar disposto à experimentação para que possa ser realmente tocado. Para isso ele não precisa apenas vivenciar a prática da aula, ele pode estar de forma mais passiva observando e participando como espectador. Estar atento a um ensaio é estar exposto mesmo para quem vê, pois, por mais que não esteja em uma ação cênica, estar assistindo com interesse e concentração é estar disposto. O encontro, a potência que é o encontro da aula como um lugar de acontecimento, pode proporcionar várias formas de conhecimento, partindo da ideia de que não há uma mesma forma de se ensinar a todos. Não existe uma única didática; existe a escuta para oportunizar o acontecimento e a potência de conhecimento individual. No próximo tópico entraremos na discussão de jogo teatral e sala de aula, uma forma de iniciação teatral que fortalece ainda mais a inclusão do teatro na escola.

3. Jogos teatrais: ponto de partida para teatro na escola

Todo jogo significa algo. Segundo Johan Huizinga (2012), professor e historiador holandês, o jogo é mais que um fenômeno fisiológico e biológico. Para o autor do livro *Homo Ludens*, há várias teorias que definem o ato de jogar:

[...] Umam definem as origens e o fundamento do jogo em termos de descarga de energia vital superabundante, outras como satisfação de um certo “instinto de imitação”, ou ainda simplesmente como uma “necessidade” de distensão. Segundo uma teoria, o jogo constitui uma preparação do jovem para as tarefas sérias que mais tarde a vida dele exigirá, segundo outra, trata-se de um exercício de autocontrole indispensável ao indivíduo. Outras vêm o princípio de jogo como um impulso inato para exercer uma certa faculdade, ou como desejo de dominar ou competir (HUIZINGA, 2012, p. 4).

Seria possível uma aproximação de todos os conceitos, mas um único conceito de jogo não seria possível. Então por que o jogo proporciona tanta alegria e prazer ao ser? O autor faz pontes entre o jogo, o sagrado e a festa em seu livro *Homo Ludens*. Uma das principais características do jogo é o fato de o mesmo ser de escolha voluntária, ou seja, joga quem quiser, isso faz com que ele se distancie da obrigatoriedade da evolução natural, tornando sua prática livre. Uma segunda característica é a fuga da realidade que o jogo carrega, ele não é vida corrente, não é vida real. Essa é uma das características que chama a atenção dos adultos para algumas práticas de jogos.

[...] Ele se insinua como atividade temporária, que tem uma finalidade autônoma e se realiza tendo em vista uma satisfação que consiste nessa própria realização. É pelo menos assim que, em primeira instância, o ele se nos apresenta: como um *intervalo* em nossa vida cotidiana (HUIZINGA, 2012, p. 12).

Sua função cultural está aí: levar o indivíduo a um divertimento contribuindo, para prosperidade do grupo social, satisfazendo-o biologicamente. Mesmo após o término do jogo, o indivíduo guarda na memória a criação e a alegria investida no momento do jogo. Há, porém, outras características importantes que Huizinga confere ao jogo: “ele cria ordem e é ordem” (HUIZINGA, 2012, p. 13). Outro ponto importante do jogo na sala de aula é o fato de levar alegria e cumplicidade entre os participantes por meio da concentração e da ordem. “E não há dúvida de que a desobediência às regras implica a derrocada do mundo do jogo. O jogo acaba [...] O jogador que desrespeita as regras é um “desmancha-prazeres” (HUIZINGA, 2012, p. 14)”.

A estética também está ligada ao jogo, pois os participantes tendem a jogar de forma bela por ser um momento lúdico, “fascinante” e “cativante”, pois traz em si o ritmo e a harmonia, pontos fundamentais para a prática teatral. E aí o jogo vai fazendo

pontes com as artes cênicas, como o carnaval e as mascaradas, onde o participante se transfigura em personagem. Tem todo um mistério nesse ato, da mesma forma que existe um grande mistério no ato de jogar, como o fato desse ato poder ser carregado de segredos para que algumas regras não sejam desrespeitadas: uma luta em grupo com o objetivo marcado para que se chegue ao final vitorioso, podendo ser esse objetivo também a representação de algo, um episódio do jogo.

Uma ligação entre o jogo e a festa pode ser a dança em sua origem. O jogo possui uma função lúdica ou “poética”, como diz Huizinga, e essa função se aproxima muito da dança e do teatro, e também é muito importante na prática de *jogos teatrais*, “[...] A dança é uma forma especial e especialmente perfeita do próprio jogo” (HUIZINGA, 2012, p. 184). Nesse caso, pode-se fazer também uma ponte com os rituais sagrados onde os participantes se personificavam de espíritos selvagens e ancestrais para dançarem em homenagem às entidades que os governavam, um jogo de faz de conta, ligado muitas vezes também ao uso da máscara: “A visão de uma figura mascarada, [...], nos transporta para além da vida quotidiana, para um mundo onde reina algo diferente da claridade do dia: o mundo do selvagem, da criança e do poeta, o mundo do jogo” (HUIZINGA, 2012, p. 30).

Uma das características do jogo mais importantes para o teatro é a tensão e a incerteza, pois elas trazem a excitação necessária para que o envolvimento dos jogadores (alunos) seja pleno. A presença de espectadores no momento do jogo também potencializa esses aspectos e faz com que o envolvimento se acentue ainda mais.

Numa tentativa de resumir as características formais do jogo, poderíamos considerá-lo uma atividade livre, conscientemente tomada como “não-séria” e exterior à vida habitual, mas ao mesmo tempo capaz de absorver o jogador de maneira intensa e total. É uma atividade desligada de todo e qualquer interesse material, com a qual não se pode obter qualquer lucro, praticada dentro de limites espaciais e temporais próprios, segundo uma certa ordem e certas regras. Promove a formação de grupos sociais com tendência a rodearem-se de segredo e a sublinharem sua diferença em relação ao resto do mundo por meio de disfarces ou outros meios semelhantes (HUIZINGA, 2012, p. 16).

Não vejo como falar de jogos teatrais sem citar Vila Spolin, foi uma grande autora e diretora de teatro norte-americana que produziu a base dos jogos teatrais. Como meu trabalho foca na memória como impulsionadora para a criação teatral, os jogos teatrais vieram para auxiliar todo o trabalho, muitas vezes usados nos inícios de aula para que

os alunos consigam instaurar um ambiente favorável ao trabalho teatral, bem como acordar o corpo como um jogador aquecido, para haver uma entrega focada no trabalho e concentrada na memória. Os jogos facilitam vários eixos para a realização do trabalho, um dos principais a concentração, o foco.

(...) O jogo teatral é um *jogo de construção* com a linguagem artística. Na prática, com o jogo teatral, o *jogo de regras* é princípio organizador do grupo de jogadores para a atividade teatral. O trabalho com a linguagem do teatro desempenha a função de conteúdos de conteúdos, através da forma estética (KOUDELA in SPOLIN, 2008, p. 25).

Como descrito anteriormente, o trabalho foi realizado com pré-adolescentes, e por mais que estejamos sempre construindo a nós mesmos, a adolescência é um fazer de descobertas e escolhas para a construção de nossas personalidades. Esse fato me levou a buscar ainda mais os jogos teatrais, pois:

(...) A consciência de si implica uma confrontação contínua do eu com o outro. Somente por meio do contato com os julgamentos e avaliações do outro é que a autonomia intelectual e afetiva cede lugar à pressão das regras coletivas, lógicas e morais. Por oposição ao símbolo discursivo, o símbolo lúdico culmina na ficção e não na crença (KOUDELA in SPOLIN, 2008, p. 21).

Na convivência em grupo pode-se aprender pela existência de trocas de experiências e ideias para a resolução de problemas. A busca coletiva para a solução de problemas pode, por exemplo, facilitar a autonomia de criação e formação de características de personalidade pessoal do estudante, como diz Koudela na introdução do livro de Spolin: *Jogo Teatral na sala de aula*:

O desenvolvimento progressivo da atitude de colaboração leva à autonomia da consciência, realizando a *revolução copernicana* (Piaget) que se processa no indivíduo, ao passar da relação de dependência para a autonomia (KOUDELA in SPOLIN, 2008, p. 22).

O uso do jogo teatral é ponto inicial para meu trabalho prático, por pressupor um conjunto de princípios pedagógicos para construir um sistema educacional específico (KOUDELA in SPOLIN, 2008), ou seja, os jogos utilizados para dar início ao trabalho prático de cada encontro com meus alunos têm como referências os livros de Spolin, bem como da prática desses jogos, ou de suas adaptações, vivenciadas por mim em

aulas na graduação em teatro e oficinas em eventos, já que os jogos teatrais são frequentemente usados tanto no contexto escolar como no treinamento de atores.

Os Jogos oportunizam um momento diferenciado da rotina escolar onde os estudantes podem sair de si e pensar no foco do jogo, deixando a artificialidade que inicialmente pode surgir em um trabalho teatral e permitindo um contato maior com os companheiros de jogo. Isso leva o estudante a se envolver com a cena de forma que seu imaginário passa a existir com mais intensidade, fazendo com que a intensidade física da cena seja mantida, “A diferença entre *showing* (mostrar) e *telling* (contar) aponta para a diferença entre o *fazer de conta* que é simulação e o *tornar real* que significa a criação da realidade cênica” (KOUDELA in SPOLIN, 2008, p. 23).

O momento presente é o foco no jogo e o estudante o vivencia cada vez com mais concentração, pois é um exercício. A participação do aluno poderá ser avaliada pelo professor de acordo com a sua prospecção, ou seja, de acordo com os acontecimentos futuros relacionado à sua prática. Os jogos abrem espaços de estímulo e vitalidade para a sala de aula, ampliando a consciência dos estudantes. Segundo Spolin:

(...) jogos teatrais são úteis ao desenvolver a habilidade dos alunos em comunicar-se por meio do discurso e a escrita, e de forma não verbais. São fontes de energia que ajudam os alunos a aprimorar habilidades de concentração, resoluções de problemas e interação em grupo (SPOLIN, 2008, p. 29).

Iniciar os trabalhos em sala de aula com jogos teatrais foi uma releitura do que aprendi na graduação. A maioria de aquecimentos que vivenciei antes de entrar em cena se pautou em jogos, tanto os clássicos como o pega-pega, ciranda de roda, pular corda ou até mesmo queimada, quanto os jogos teatrais. Os jogos teatrais são uma preparação para a vivência da prática teatral, onde estruturas operacionais (O QUÊ, QUEM, ONDE) buscam permitir a experiência de interpretação teatral e de suas técnicas. Cada jogo é estabelecido a partir de um FOCO específico, desenvolvido a partir de instruções e regras que levam o jogador a desenvolver formas do fazer teatral. Com os jogos aquecíamos o corpo, ficávamos mais concentrados e mais unidos em uma atmosfera favorável à comunhão e à criação.

Os jogos nos levavam a ativar a escuta e a focar somente no aqui e agora. Foi partindo dessa ideia que resolvi iniciar os trabalhos de cena na sala de aula com os jogos. Como dito por Spolin, os jogos oferecem aos alunos oportunidade de exercer sua liberdade, respeito pelo outro e responsabilidade dentro da aula para com o trabalho

feito por eles, pensando que o mesmo é uma entrada para construção cênica. Quando se instaura um ambiente de concentração e entrega, a magia teatral acontece por meio de energias que passam pelo corpo do aluno:

[...] Jogos de aquecimento e/ ou jogos introdutórios preparam os jogadores para os jogos teatrais a serem desenvolvidos. Os jogos de aquecimento promovem a integração do grupo e ajudam a focalizar a energia para a próxima experiência de aprendizagem (SPOLIN, 2008, p. 39).

O corpo se torna ativo, como um jogador de futebol pronto para pegar um passe e fazer um gol. Essa magia, essa energia e esse corpo ativo para o jogo e posteriormente para a cena são favorecidos pela continuidade de se ter um foco no jogo. O foco é parte do jogo e manter esse foco é caminho para se chegar ao objetivo do jogo, é o foco que coloca o jogo em movimento.

(...) Permanecer com o foco gera a energia (o poder) necessária para jogar que é então canalizada e escoada através de uma dada estrutura (forma) do jogo para configurar o evento teatral. O esforço em permanecer com o foco e a incerteza sobre o resultado diminui preconceitos, cria apoio mútuo e gera envolvimento orgânico no jogo (SPOLIN, 2008, p. 32).

Viola Spolin possui vários livros traduzidos por Ingrid Koudela para o português, verdadeiros manuais para os professores que desejam trabalhar teatro na escola, livros claros e de fácil acesso. Por isso em meu trabalho não pretendo detalhar os jogos de Spolin. Deixo em vários momentos a dica para que o professor recorra a seus jogos para os momentos de preparação de aulas, assim como fiz em meu processo prático no mestrado, sempre levando em consideração as lembranças que guardei da época em que eu era aluna. Em seu livro *Jogos Teatrais na sala de aula: um manual para o professor*, Spolin (2008) apresenta toda uma contextualização da importância dos jogos para a criação de teatro na escola, bem como explica em detalhes como deve acontecer esse processo dando ideias de oficinas e citando a importância da instrução do professor-jogador. Manter os alunos estimulados, conectados entre si e concentrados na ação teatral foi a minha intenção quando recorri aos jogos de Spolin, e a partir do momento que se instaurava essa “energia” concentrada partia para o tema da memória o que ela iria trazer de perguntas e respostas para as cenas.

Como motivação para os alunos criarem partindo de suas memórias, utilizei duas formas: na escola Municipal Cecy Cardoso Porfírio, após todo um trabalho sobre memória com os alunos, onde foram questionados o que seria memória para cada um e refletiram as personalidades que carregavam e que os diferenciavam entre si, partimos para a memória que a escola carregava. Essa memória que a escola carregava foi sendo construída coletivamente. Primeiro levei os alunos a pensarem e questionarem o surgimento da escola e sua construção por meio de vídeos descritos no material pedagógico, uma aula multimídia que levou a um debate sobre as regras da escola. Após essa discussão, levei os alunos a olharem o prédio escolar, sua estrutura, locais belos e locais “feios”, segunda a visão dos próprios alunos, de forma a lembrarem os momentos vividos naqueles locais até o momento da aula, momentos recheados de encontros, amizades, discussão, adversidades e porque não autoridades vindas da direção. Todo o processo foi marcado por momentos de reflexão acerca das relações interpessoais vivenciadas na escola, e de como essas relações marcam a forma de se posicionarem frente ao mundo (personalidades e gostos) dos alunos.

A construção de identidade desses jovens é potencializada frente a momentos vivenciados no contexto escolar, em sala de aula e em momentos sociais fora das aulas. Foram confidenciais segredos, momentos de afetividade e muitas inquietações desses jovens com várias mudanças em seu corpo e em suas vidas. Todas intervenções artísticas feitas durante o período de pesquisa foram apresentadas de forma livre e sem inseguranças dos alunos, acredito que pelo diálogo direto, carinhoso e carregado de memórias que carregamos durante todo o processo, mesmo o tema do trabalho não estando diretamente relacionado a uma memória mais pessoal dos alunos, e sim da memória que a escola provoca neles, diferente do trabalho da escola Leôncio. Durante o processo foram criados roteiros a partir das discussões pautadas no tema memória, e nas memórias que foram trabalhadas durante o processo nas duas escolas.

Já na Escola Municipal Leôncio do Carmo Chaves, a entrega não foi diferente, por mais que o tema tenha sido. Diferente da escola Cecy, partimos de memórias de cunho familiar e pessoal de hábitos de infância que marcaram os alunos, como chupar o dedo, jogar vídeo-game em uma dada posição, ter sempre por perto uma fralda ou algum outro objeto. Esses hábitos foram trabalhadas corporalmente de forma a ficarem visíveis ao público e, em sequência, foi pedido que os alunos se dividissem em grupos por afinidade de hábitos, já que algumas se repetiam, como a de “roer as unhas”. Esses grupos conversaram e escolheram um tema de debate de sua preferência, e com esses

temas eles escreveram, em conjunto, uma carta com todas as memórias e inquietações discutidas, para um alguém imaginário, que posteriormente veio a ser o público. Essas cartas foram memorizadas por partes, cada um do grupo memorizou uma parte específica, e declamaram na intervenção artística final que foi apresentada na Universidade Federal de Uberlândia, dentro da V Mostra de teatro Escolar em 2015. Uma apresentação dos “hábitos” de infância, seguida da declamação das cartas (uma era sobre a morte, outra sobre o amor e a terceira sobre o primeiro beijo) que foram declamadas por cada grupo, hora coletivamente, hora individuais. Com essa turma também houve uma relação afetiva entre mim e eles, pois confidenciaram segredos e descobertas – alguns dos alunos atualmente fazem teatro em cursos livres e oficinas na Universidade Federal de Uberlândia. Após a intervenção feita na Universidade Federal de Uberlândia, alguns alunos sentiram a necessidade de fazer um teatro mais “tradicional”, com separação de cenas, falas e marcação de cenas (houve, em todo momento, a discussão sobre a diferença do teatro da intervenção cênica). Foi quando realizamos um trabalho mais “tradicional” sobre o tema “racismo” para o dia da Consciência Negra, e mais uma vez partimos de experiências vivenciadas por alunos negros da turma, bem como de vídeos da internet que alguns alunos tinham tido acesso em outras ocasiões. A diferença desse trabalho para a intervenção foram as marcações de cenas, cenário e falas decoradas a partir de um texto pré-estabelecido, nessa cena era tudo bem ensaiado, já que na intervenção cênica as falas podiam ser ditas de forma mais livre e com improvisações. Mantemos contato por um grupo de Whatsapp e lembramos sempre das aulas e das conversas motivadas pelas memórias usadas na criação: sempre recebo notícias de como se expressam melhor em público, nas apresentações de trabalho, agora que estão no Ensino Médio, de alguns que resolveram namorar, atribuídos sempre a toda experiência com jogos, improvisações e conversas que tratavam a memória em sala de aula.

Partindo de anseios e da escola, a pesquisa foi se desenvolvendo, em meio a tropeços e incertezas, rodeada de imprevistos, como o laço cortado com uma saída repentina de uma das escolas. Mas a memória se fez presente, após trabalhos de jogos em sala de aula, conversas e debates, a memória surgiu por meio de relatos, respostas a questões colocadas para que os alunos pensassem e refletissem o tema, após questionar a escola com a ajuda de Viviane Mosé e Celso Favaretto e de projetar desejos, o tema memória foi passada para corpo, para a carta, para o gesto, para a foto, para a dança em companhia dos alunos na prática. Bergson foi fonte de pesquisa, base para que o

trabalho se concretizasse, assim como Benjamin, fomentando teoricamente o que foi vivido e se tornou material pedagógico. Larrosa foi fonte de experiência que motivou e fundamentou o tema juntamente com os filósofos da memória. Os jogos vieram para fechar todo o trabalho, enfatizando ainda mais sua importância nas práticas teatrais.

Debatemos a ideia de escola como espaço carregado de memórias: a memória que ela carrega em sua estrutura física, bem como a memória que ela cria na convivência cotidiana de quem a habita por algumas horas e em diferentes anos. Essa memória foi transferida da fala para o corpo, para os espaços escolares e registrada por meio de fotos. Criamos um roteiro de ação para intervenção artística no contexto escolar. O mesmo foi feito com memórias de infância de cada aluno, trabalhadas corporalmente, o que tornou roteiro de intervenção artística. Escrevemos cartas para interessados (posteriormente descobrimos ser o público). Fizemos jogos para melhorar a performance em frente ao público, para perder a vergonha, dançamos a “música silenciosa” (intervenção cênica) no mesmo intuito e nos divertimos com os olhares espantados de toda a escola. A entrega dos alunos foi o maior incentivador de toda a pesquisa.

4. Considerações finais.

Concluo o trabalho com lembranças de experiências e companheirismos que marcaram todo o processo prático que resultou em um material pedagógico que pode colaborar como *start* para práticas teatrais no contexto escolar.

Tive muitas dificuldades de coordenar a pesquisa com a prática como professora, mesmo sendo um dos requisitos do mestrado Profissional em Artes – ProfArtes – um problema já sinalizado por muitos colegas de turma e levado até a coordenação geral do programa. A prática em sala de aula vinculada a pesquisa e ao excesso de disciplinas exigidas pelo programa, gera pouco tempo para o amadurecimento teórico da pesquisa. Não somente meu cargo como professora, mas também a pesquisa de mestrado me exigiam estar por inteira no ambiente escolar, pois só assim poderia falar da escola e dos seus contextos e inquietações tão expostas neste trabalho.

No entanto, por mais que não tenha tempo de maior aprofundamento, percebo crescimento em ter topado esse desafio, percebo mudanças em meu modo de dar aulas e de tratar meus alunos e o teatro em sala de aula, percebo mudanças também na

construção do programa ProfArtes – e isso é um avanço para a primeira turma do mesmo, porque conseguimos diminuir duas matérias para as próximas turmas.

O que me cativa em Benjamin (1994) é o fato da sua teoria sobre memória estar ligada à história e à convivência social do homem. Já em Bergson (2006), o que me chama atenção é a ligação que faz com a experiência, outro tema que me move a criar como professora. E nessas questões, Bergson e Benjamin se distanciam, cada qual com o que acredita e fundamenta suas teorias: para Bergson a experiência do ser isolado, para Benjamin a experiência do ser social e histórico. Para Benjamin, a memória pura é a experiência; para Bergson são conteúdos da experiência a serem acessados livremente no intelecto.

A questão do esquecimento: o lembrar que ora produz, ora modifica a memória. A memória opera no esquecimento no viés de reinventá-lo e modificá-lo.

Sem dúvida, a maioria das recordações que buscamos aparecem à nossa frente sob a forma de imagens visuais. Mesmo as formações espontâneas da *mémoire involontaire* são imagens visuais ainda em grande parte isoladas, apesar do caráter enigmático da sua presença (BENJAMIN, 1994a, p.48).

Fica ao finalizar o período de trabalho do mestrado um desejo de estudar mais sobre memória, tanto Bergson quanto Benjamin, e tantos outros filósofos que tratam o esse vasto assunto. Os caminhos que o trabalho com a memória abre são muitos e diversos. Como dito anteriormente, quando partimos de nós mesmos conseguimos trabalhar de forma mais intensa e isso nos deixa experiências marcantes. Nessa parte do trabalho pude teorizar os caminhos da memória bem como a experiência por meio de Bergson, Benjamin e Larrosa. Para tanto, não deixamos a escola de fora, participando da discussão de memória e experiência, bem como a presença do teatro como ponte para a prática de todo trabalho – partindo de memória, repensando o presente de forma artística e crítica, servindo a memória para se chegar a uma reflexão do passado, potencializando assim o presente e podendo inovar o futuro de forma criativa.

Minha prática como professora se fez mais prazerosa quando o foco se tornou os alunos e suas singularidades; se tornou mais divertida quando a prática de jogos invadiu a sala de aula; se tornou cumplicidade a cada vez que um aluno me abordava com carinho, com questões e com um interesse e repeito maior pela escola que frequentava. Não foi fácil, mas foi prazeroso a vivência e cumplicidade com os alunos. Houve

imprevistos, trocas de lugares e horários, chegadas e partidas, dúvidas, incertezas e muitos risos.

A insegurança e o medo de se expor foram sendo sanados ao longo do processo. Jogamos na sala de aula, no pátio, na quadra, dialogamos com a vida, a escola e lembramos de onde viemos e aonde gostaríamos de chegar. Produzimos memória coletiva que ficarão guardadas no íntimo de cada um, bem como em fotos e vídeos. A viagem foi longa, principalmente para mim como professora/pesquisadora/atriz/amiga/educadora. Foram leituras feitas e refeitas, escritos lidos e apagados e reescritos. Dúvidas, incertezas, momentos de extrema solidão, permeados de companheirismos e confiança. Surgiram desejos de mais. Que o caminho continue.

Compartilho com vocês em anexo, todo o material que desenvolvi a partir da experiência em sala de aula, no entanto a descrição fica em torno do foco memória. Deixo claro que toda essa experiência compartilhada pode servir de norte para que o professor de teatro reelabore todo material e adeque à sua realidade de trabalho e à realidade de seus alunos.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política; ensaios sobre literatura e história da cultura**. In: Obras escolhidas. 7ª ed., São Paulo: Brasiliense, vol. I. (1994)

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. 3ª.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BERGSON, Henri. **Memória e Vida**. Textos escolhidos por Gilles Deleuze. Martins Fontes, 2006.

FAVARETTO, Celso F. **Arte Contemporânea e Educação**. Revista Iberoamericana de Educación, v. 53, p. 225-235, 2010. Acesso em: <http://www.rioei.org/rie53a10.pdf>

_____. **Transformação em processo**. Revista EntreIdeias: educação, cultura e sociedade, vol. 01, p. 13-25, 2012.

FOUCAULT, Michel. **O Corpo utópico, as heterotopias**. São Paulo: N-1 Edições, 2013.

_____. **História da Sexualidade**. RJ: Graal, 1990.

_____. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**: o jogo como elementos da cultura. 7ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

KOUDELA, Ingrid. **Jogos teatrais**. São Paulo: Perspectiva, 1984.

LARROSA, Jorge. **Linguagem e educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. < Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em 24 de novembro de 2014.

MACHADO, Marina Marcondes. **Fazer surgir antiestruturas: abordagem em espiral, para pensar um currículo em arte**. Disponível em <http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/9048> Acesso em 22 de março de 2015.

MOSE, Viviane. **A Educação**. Disponível em: < <http://www.institutocpfl.org.br/cultura/2010/07/21/cafes-filosofico-cpfl-a-educacao-viviane-mose/>> . Acesso em: 17 de maio. 2016.

PASCHOAL, A.E. **O Perdão como sinal de força e saúde**: Especulações em torno da Filosofia De Friedrich Nietzsche. In: As Dobras da Memória. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.

RYNGAERT, Jean-Pierre. **Jogar, representar**. São Paulo: CosacNaify, 2009.

SANTANA, Arão Paranaguá. **Os saberes escolares, a experiência estética e a questão da formação docente em artes**. < Disponível em: <http://www.eba.ufmg.br/lamparina/index.php/revista/article/viewFile/15/6>>. Acesso em 24 de novembro de 2014.

SPOLIN, Viola. **Jogos teatrais para a sala de aula: um manual para o professor** [tradução Ingrid Dorminem Koudela]. São Paulo: Perspectiva, 2008.

STANISLAVSKI, Constantin. **A preparação do ator**. 32^a. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

VENANCIO, Beatriz Pinto. **Pequenos espetáculos da memória**: registro cênico-dramatúrgico de uma trupe de mulheres idosas. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.



Pistas para uma caminhada da memória no Teatro:

PROCESSOS DE CRIAÇÃO E OS USOS DA MEMÓRIA

Pistas para uma caminhada da memória no Teatro:

PROCESSOS DE CRIAÇÃO E OS USOS DA MEMÓRIA

Material Pedagógico apresentado ao Programa de Pós-Graduação, Mestrado Profissional em Artes – **PROF-ARTES** – da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Artes.

Área de concentração: Abordagens teórico-metodológicas das práticas docentes.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Humberto Martins Arantes

Caro professor (a),

Primeiramente, agradeço o interesse por Teatro e, principalmente, pelo uso da memória no teatro. Gostaria que usasse essa experiência para motivá-lo a, a partir desse material, dar seu toque especial. Sim, o toque que sua intuição vai lhe passar para, a partir da memória e dessa experiência, criar o seu trabalho prático com suas turmas. Cada turma é uma, cada uma tem sua especificidade e seu jeito de pensar e agir como grupo. Por isso, abra bem a escuta para eles, assim encontrará seu próprio caminho para o trabalho.

Se der aquele bloqueio, tão comum no dia a dia, espero que esse material sirva para potencializar o teatro, a prática teatral em sala de aula, e a vida de seus companheiros de jornada (seus alunos).

Todos os encontros são pensados para 50 minutos, o comum para as escolas municipais e estaduais de Uberlândia. Sendo que o professor de artes do ensino fundamental 2 (5º aos 9º anos) tem somente um horário por semana. Os encontros podem dar o tempo certo de 50 minutos, mas prepare-se também para fazer um encontro valer por dois. Caso a turma embarque de verdade na proposta, os jogos e as atividades podem render mais que o previsto. Claro que o contrário também pode ocorrer. Serão cerca de 12 encontros, mas isso vai variar, como disse: cada turma tem suas especificidades.

A principal ideia deste material é focar no uso da memória como motivadora da prática teatral. Por esse motivo, não irei descrever os jogos que iniciavam os encontros, salvos os das primeiras aulas, que são jogos de autoria de Viola Spolin utilizados por mim em experiências anteriores.

Outro ponto importante nessa introdução é que a atividade está dividida em dois caminhos. Imagine comigo: estamos seguindo uma estrada motivada por memórias, em um dado momento essa estrada bifurca para dois lados, um foca na escola e outro nos pré-adolescentes (alunos), cabe ao professor decidir qual estrada tomar. Ou qual caminho percorrer primeiro, sendo que até o quinto encontro o caminho ainda não chegou a essa bifurcação. Seria interessante também, professor(a), que lesse com carinho o artigo que acompanha esse material. Ele traz todos os motivos pelo qual esse material existe, dando também uma base teórica para este trabalho ter sido construído por mim no mestrado Profissional em Artes.

1º ENCONTRO: Conhecendo o colega! Ou... Divertindo com o colega.

Recursos necessários: disposição para retirar carteiras da sala e para interagir com os colegas. Caderno de desenho, lápis de escrever e colorir.

Sabemos da dificuldade de dar aula prática de teatro na sala de aula entulhada de carteiras e materiais escolares. Mas nada melhor que iniciar um processo teatral com os alunos em uma aula prática. Para tanto, sempre parto do básico, a cumplicidade e a comunhão entre os interessados pela aula. Por isso, começo sempre com jogos teatrais de apresentação. Claro que você, professor, pode usar seu repertório de jogos favoritos, assim como eu faço. No meu caso, parto sempre dos jogos que vivenciei no período de graduação. Você pode partir, por exemplo, dos jogos de Viola Spolin.

Chegue, cumprimente os parceiros (alunos), e peça para que se organizem em círculo. Talvez este círculo fique apertado, o que é normal para a realidade das salas brasileiras: muito aluno e pouco espaço. Explique a aula, diga que, provavelmente, esta será mais descontraída do que as demais aulas, mas que nem por isso os estudantes vão se exaltar e não dar atenção a seus comandos. Diga a sua turma que precisa da atenção de todos para que a experiência seja válida e que o mais importante na aula de teatro é a diversão (o que não tem nada a ver com bagunça).

Obs.: Todas as imagens utilizadas no trabalho foram tiradas pela autora.



Explique o porquê do círculo, usando para isso seu lado ator ou atriz: explique sobre a energia que passamos um para o outro ao dar as mãos, a mesma energia fundamental para o teatro e a cena. Explique rapidamente a diferença entre um corpo cotidiano e o corpo do ator (o ator tem que ter mais tônus; para eles diga que tem que ter mais presença e luz). Sei que isso pode tomar bastante tempo da aula. Isso depende também da turma, se é muito comunicativa ou agitada, e da sua relação com os mesmos. No início do ano, costumam estar mais comedidos, mas é importante já ir alertando a turma da importância da interação dos mesmos, assim como a atenção e cumplicidade. Deixe sempre aberto a questões.

Sempre haverá aquele aluno que se negará a fazer o jogo proposto, por timidez ou até mesmo “gracinha”, deixe o na roda, assim ele presta mais atenção ao que está acontecendo. Sei que essa situação é muito chata para o professor, mas, com o tempo de convivência com a classe, esse tipo de ocorrência vai ficando cada vez mais escassa.

Colegas, sempre que não concordarem com alguma colocação minha, como essa última dos alunos tímidos, não se preocupem. Tudo na vida é relativo e cada um tem sua maneira de lidar com seus alunos, essa é uma boa hora de colocar seu jeito no trabalho proposto. Não bater de frente com as negações dos alunos é somente uma forma de convivência que eu (Carol) acredito ser melhor. Sei que tem aquele aluno que vai dar “trabalho” o ano todo e uma hora vai ocorrer uma alteração, (claro, ninguém é de ferro, muito menos os professores não é verdade!?).

1º Jogo: Apresentação de nome com movimento

(Sempre que dou um jogo parto da minha memória como aluna de teatro, isso acarreta alguns problemas como: não saber realmente de que autor é o jogo que estou dando e seu verdadeiro nome).

Seguindo o círculo em sentido horário ou anti-horário e se utilizando sempre como exemplo, fale seu nome e, enquanto fala, faça um movimento. A ação de falar o nome com movimento deve ser repetida por todos os participantes da roda. Esse jogo traz descontração, além de trabalhar a desinibição e a concentração ao mesmo tempo, já que temos que prestar a atenção no colega para que possamos repetir seu nome e



movimento. Nada melhor que “pagar mico” com todos os outros colegas ao mesmo tempo.

2º Jogo: Exagerando o colega. (Imitação coletiva)

Agrupe os alunos em um semicírculo. Um por vez, deverá ir à frente do grupo, dizer seu nome em um movimento, assim como o jogo anterior. Esse movimento deve ser mais ampliado com o corpo todo podendo ter deslocamento, por isso não estão mais em círculo, já sendo uma indicação de palco e plateia. Os colegas agrupados vão fazer o mesmo que o colega acabar de fazer, todos ao mesmo tempo e exagerando o movimento e a fala. A ideia de fazerem todos juntos é a mesma do primeiro jogo, junto é mais fácil de não ter bloqueio, timidez.

Juro que para uma aula de 50 minutos já se passou, no mínimo, meia hora. Volte a fazer o círculo e pergunte aos alunos o que eles acharam. Diga para eles relatarem impressões, timidez, se foi engraçado, se não curtiram a atividade e se voltariam a praticar os jogos. Isso é importante, professor. para que você tenha um termômetro. Lembrando que essa proposta pode rolar muito com uma turma e com outra ser bem difícil, tendo mais recusas, caras feias e até reclamações. Não se deprima.

Fique atento ao tempo, quando ver que faltam 10 minutos para bater o sinal peça para que os alunos arrumem a sala para o próximo professor e registre impressões em seus cadernos de desenho. Podem ser as mesmas que falaram para você em roda, mas como não são todos que falam, essa é a forma que lhe sugiro para perceber o que acharam também os mais tímidos. Esse registro pode ser feito também por meio de desenhos ou colagens, o que importa é o aluno registrar o que foi para ele essa experiência.

Sei que muitos podem achar que são jogos simples, mas, para início de processo e para quem talvez nunca tenha feito nenhuma prática teatral, eles podem ser uma grande experiência. Outro ponto é que essas atividades não são comuns em outras aulas, o que leva os alunos a uma valorização de sua aula, por ser diferente e descontraída. Explique aos alunos que os cadernos de desenho deles servirão como diários de aulas para serem revistos ao término do processo e que todo tipo de questão que fizerem devem ser registradas nele.

Professor, sempre tenha umas “cartas na manga”. Caso os dois jogos passem rapidamente faça outro de apresentação, existem vários jogos teatrais de início de dinâmica que trabalham os mesmos pontos que esses dois exemplos. Sintam-se a vontade para fazer alterações na aula. Ainda não introduzimos o tema memória como ponto motivador de uma criação teatral, mas para que um processo teatral se desenvolva em uma sala de aula deve-se haver interação entre a turma, esse jogo serve exatamente para isso, principalmente se os participantes não se conheciam antes de estarem juntos na mesma turma.



2º Encontro: O olhar...

Recursos necessários: disposição para retirar carteiras da sala e para interagir com os colegas. Caderno de desenho, lápis de escrever e colorir.

Essa aula ainda é preparatória para todo processo de criação, já que trabalha a união, concentração e principalmente a atenção. Será o mesmo jogo, mas com algumas alterações. Toda vez que dou essa aula me surpreendo, já que nunca dá tempo de dar ela na integra, fora que no próximo encontro os alunos sempre pedem para repetir. Eu não resisto e sempre dou mais de uma vez, já que o pedido vem deles. Tem muito aluno que não

gosta de participar e o bom de repetir a aula é que sempre tem tímidos dispostos a experimentar após ver os colegas jogando. Aliás isso é importante de ressaltar, quando um aluno não quer participar do jogo peça para que ele assista os colegas jogando, isso faz com que apreenda o que está sendo passado e também faz com que ele desperte interesse aos jogos.

1º Jogo: Troca de olhar (com pontos de passagem)

Em círculo. O jogo consiste em olhar para um dos colegas da roda e, assim que esse olhar for correspondido, deve-se trocar de lugar. Para potencializar a concentração inicial, o professor pode mostrar ao restante da turma como funciona o jogo e enfatizar que o local onde estava (no caso, o professor) é um lugar de passagem, ou seja, a pessoa que chega naquele local não pode ficar ali por muito tempo tendo que olhar outro colega e trocar de lugar, assim sucessivamente. Então, somente daquele local sairá um colega para trocar, podendo a turma toda focar para o mesmo local. Quando houver uma concentração maior da turma, porque sempre existem aqueles ansiosos que vão querer trocar de lugar mesmo não sendo lugar de passagem, o professor pode abrir mais um local de passagem. Podem ser abertos vários locais de passagem nesse primeiro jogo.

2º Jogo: Continuação do Troca de olhar (sem pontos de passagem)

Ainda em círculo. O jogo é o mesmo, só que agora é livre, não tem mais lugares de passagem, só com o olhar, se troca de lugar. Quando vir que estão bem articulados, peça um tempo e diga para que fixem o olhar com o colega até o ponto de chegada, mantendo, assim, o foco de olhar. Esse jogo já vai fazendo com que os alunos fiquem mais atentos com a questão da espacialidade e pode ser desmembrado para o jogo de ocupação e observação espacial.

3º Jogo: Ocupação e observação espacial.

Esse jogo, acredito, é o motivador de muitos jogos teatrais de aquecimento e concentração. Partindo do jogo de troca de olhares, peça para que os alunos se espalhem pelo espaço, andando, percebendo o espaço da sala e os colegas, assim como seu estado corporal de atenção e físico. Peça a cada um que olhe o colega, olhe nos olhos mantendo a energia do jogo anterior. O professor pode ir pedindo, dependendo do tempo e do espaço, para que aumentem o ritmo e/ou diminuam, podem até correr. A mistura dos dois jogos também é bem vinda: andando pelo espaço, peça para formarem duplas e mantenham o foco de olhar (como uma linha imaginária conectando seus olhos) que não pode ser quebrada.





Esses jogos podem ser dados em todo início de aula, de forma que não se estendam muito por conta do horário. Eles aquecem, ajudam na interação e concentração dos alunos para outras atividades e jogos.

Fique atento ao tempo, quando sentir que faltam 10 min para bater o sinal peça para que os alunos arrumem a sala para o próximo professor, converse com os alunos pedindo que relatem o que acharam. Peça para que registrem impressões sobre a aula em seus cadernos de desenho, podem ser as mesmas que falaram com você. Esse registro pode ser feito também por meio de desenhos ou colagens, o que importa é o aluno registrar o que foi para ele essa nova experiência.

3º Encontro: Memória

Recursos necessários: disposição para retirar carteiras da sala e para interagir com os colegas. Caderno de desenho para anotar as questões. Disposição para ouvir.

Após essas duas aulas mais ativas de jogos, a turma e o professor estarão mais inteirados, e, se as duas aulas foram boas, o professor será esperado com curiosidade e interesse. Penso que a melhor forma de ser um bom professor é tentar ser o melhor professor que você gostaria de ter tido.

Entremos agora no tema motivador desse material teatral, a memória. Para introduzir um tema, é sempre bom ter diálogo, colocando seu ponto de vista e explicando o porquê do uso do tema, no caso memória, para as aulas de teatro.

O tema escolhido para exemplificar é bem abrangente e pode conter em si vários subtemas, tais como: memória de infância, memória familiar, memória de locais, memória de pessoas, memória de músicas, memória de gestos, etc. Como pode ver professor (a), é um tema amplo e pode ser desmembrado de acordo com seu interesse. Neste material iremos conhecer dois subtemas que foram experimentados por mim: *A memória que a escola carrega*, que tratou o espaço escolar e sua constituição e *Memória in Performance*, que tratou da memória infantil à adolescente. Os dois trabalhos foram realizados no ano de 2015, em duas escolas da cidade de Uberlândia e serviram como norte para a criação deste material.

Como já foi dito, é bom ter diálogo explicativo. Mas, antes de um diálogo, gosto de ver o que os alunos acham de um tema por eles mesmos, ou seja, sem intervenção minha de ideias sobre aquele tema. Então, este primeiro exercício sobre memória será cheio de questões. Peça para os alunos pegarem o caderno e anotarem as seguintes questões para serem respondidas:

- 1) *Quem é você? (Explique aos alunos que eles devem se apresentar nessa questão, dizendo os nomes, o que gostam de fazer; o que não gostam; anseios futuros e explicando um pouco de suas personalidades).*
- 2) *Para você o que é memória? (Peça para os alunos não procurarem no dicionário ou na internet, diga para eles refletirem e buscarem a resposta neles mesmos).*
- 3) *Relate a memória mais significativa e a menos para você até o momento. (Peça para que pensem em suas vidas até o exato momento, sempre existem memórias boas e ruins que se destacam).*

Você deve estar pensando o que fazer no restante da aula. É simples: repita os jogos da aula passada (se deu tempo de passar todos), ou simplesmente dê continuidade. Quando faltarem 10 mim para encerrar o horário, peça para que arrumem a sala para o próximo professor e pergunte o que acharam da aula. Nesse dia, não terão que fazer registro no caderno, somente terão que responder com carinho as questões colocadas por você. Deixe clara a importância da participação de todos para a continuidade do processo.



4º Encontro: Debate sobre memória

Recursos necessários: disposição para reorganizar as carteiras da sala e para conversar sobre um tema com os colegas. Caderno de desenho, lápis de escrever e colorir.

Chegue à sala com um ar misterioso. Todos estarão esperando que você traga um jogo novo. Alguns estarão ansiosos, pois esqueceram de responder as questões que você passou. Pergunte quais responderam suas questões e, se foi a maioria, peça para organizarem a sala em um círculo de cadeiras para uma conversa “Olho no olho”. Se for a minoria, dê 20 minutos para que façam isso em sala. Infelizmente, as vezes é melhor “perder” um tempo do que perder a oportunidade de um debate amplo.

Comece a conversa sempre perguntando se alguém quer falar primeiro. Sempre surgem assuntos interessantes por parte dos alunos e então parta para a primeira pergunta. Sempre vai ter aquele aluno que não quer relatar sua resposta. Nesse caso, vale pedir que ele entregue as respostas em folha separada a você, assim você pode ler em casa.

A ideia do encontro é esclarecer a importância de se pensar na memória pessoal de cada um. O ator parte muito de sua memória e seu repertório para criar personagens. A criação está ligada a memória já que “nada surge do nada”. A memória também é o ponto crucial na formação do que somos. Os adolescentes e pré-adolescentes estão na fase de se colocarem no mundo, de descobertas e escolhas. Escolhas de estilo, de anseios, de como lidar com o mundo que o cerca e até mesmo com seu círculo familiar e de amigos, e todas essas escolhas ficaram gravadas em si por meio de experiências vivenciadas, por meio de memória.

A própria vivência escolar e com os colegas de turma gera memórias importantes para suas vidas. Esse trabalho, por exemplo, foi pensado para os nonos anos por estarem findando um ciclo e prestes a iniciarem outro, uma ruptura que marca muito suas vidas, a saída do ensino fundamental para a entrada no médio.

Se o debate correr bem e ocupar toda a aula, ótimo. Sobrando um tempo, peça aos alunos que troquem entre si as respostas para que seus colegas fiquem se conhecendo. Seria muito interessante se você, professor, também tivesse as perguntas respondidas e dividisse com seus alunos. Inserir-se nas atividades deles desperta interesse e segurança. Ao faltar 5 minutos para o término, peça que organizem a sala para o próximo professor e pergunte o que acharam da aula mais “questionadora” de hoje. Como de costume, peça para que registrem em seu caderno o encontro, com sensações, desenhos, colagens ou texto como em um diário.

A partir desse ponto do trabalho teremos dois caminhos: o trabalho feito sobre a Memória que a escola carrega (Primeiro caminho: a poética escolar em memória), e o Memória in Performance (Segundo caminho: a poética do Eu em memória).

Primeiro caminho: a poética escolar em memória

5º Encontro: Qual memória a escola carrega?

Recursos necessários: disposição para reorganizar as carteiras da sala e para interagir com os colegas em grupo, tanto em diálogo verbal quanto corporal. Caderno de desenho, lápis de escrever e colorir.

Essa aula também será diferente, não sendo prática. A ideia é levantar mais uma vez discussões que partam dos alunos e sua vivência. Claro que isso também parte da memória deles, no caso uma memória, digamos, mais atual. A ideia principal é que os alunos comecem a pensar sobre sua escola, tanto o prédio escolar, quanto as relações que correm nele.

Ao chegar à sala escreva no quadro: *Quais memórias a escola carrega?*

Diga aos alunos que, um por vez, pode ir até o quadro e escrever uma dessas memórias. Podem surgir várias coisas desde autoridade e nome de professores a relações de amizade e namoros. Após todos irem ao quadro para deixar uma impressão, tire uma fotografia do resultado. Esse registro pode ser útil em outros encontros. Peça para os alunos se dividirem em pequenos grupos (de 5 a 7 pessoas, ou como o professor preferir), cada grupo terá que escolher três palavras que estão no quadro e pensar uma ação que essas três palavras expressam. Nesse primeiro momento, não se deve delimitar muito como devem ser essas ações, deixe-os livres, só explique que pode ser cenas improvisadas, com ou sem falas, que demonstrem situações que reflitam as 3 palavras, ou somente movimentos corporais (como partituras corporais) que expressem as palavras.

Segundo caminho: a poética do Eu em memória

5º Encontro: Memória in Performance.

Recursos materiais: Caderno de desenho, lápis de escrever e colorir.

No encontro passado o debate foi em torno das questões:

- 1) **Quem é você?**
- 2) **Para você o que é memória?**
- 3) **Relate a memória mais e a menos significativa na sua vida até hoje.**

Com certeza, surgiram várias memórias interessantes. Nesse caso, essas respostas deveriam ser entregues ao professor, assim ele pode ler com calma e retirar quais memórias são mais recorrentes na turma. Foi o que eu fiz nesse processo e, para minha surpresa, brigas com separação dos pais, nascimentos dos irmãos mais novos, morte de parentes e o primeiro beijo vinculado com a primeira paixão, foram os temas mais recorrentes. Esses dados serão fundamentais para o restante do trabalho com a turma, mas nesse encontro será pedido algo simples e recorrente nas aulas de artes: O autorretrato.

Isso mesmo, pedir aos alunos para que façam em seus cadernos um autorretrato e o tempo da aula será dedicado à construção desse desenho. A ideia é dialogar com os alunos a importância das diferenças interpessoais, do estilo e gosto de cada um, do aspecto corporal e da não padronização de seus corpos e estilos. É importante para os adolescentes

Ou, ainda, o que eles entenderem por ação. Dê de cinco a dez minutos para que se organizem para demonstrar.

É bom, às vezes, deixar as coisas livres para que o aluno traga o que ele pensa que é uma ação, uma improvisação ou uma cena marcada. Após passar o tempo marcado, peça aos alunos que abram espaço na frente da sala e demonstrem o que pensaram. Não estará tudo pronto e perfeito, mas surgirão esboços do que poderia se tornar cenas para um futuro trabalho. Como disse anteriormente, esse tipo de atividade faz com que entendamos o que os alunos pensam em relação às cenas artísticas. Partindo do pressuposto que atualmente existem várias formas de se fazer teatro (cenas improvisadas, jogos teatrais, intervenções espaciais, performances, happenings, etc.) observar o que os alunos oferecem de livre criação pode ser uma boa pedida para entrar mais nessas formas e explicá-las aos estudantes, dentro do possível.

Lembrando que às vezes os 50 minutos de aula passam e a gente nem vê, pode ser que nem todos apresentem e é imprescindível que o façam no início do próximo encontro, claro com 5 minutos de preparação. Valorize os trabalhos de seus alunos e, sempre que possível, dê dicas de como poderiam ser melhorados. No caso dessa ação, tinha três elementos essenciais que discutiam a escola. Enfatize isso o tempo todo para não perder o foco do tema. Esse trabalho é uma ótima maneira de começar a introduzir as formas teatrais que podem ser feitas para falar artisticamente com o mundo, para expor opiniões ou simplesmente para levantar questões em quem assiste e faz. Mantenha sempre diálogo com a turma e sua escuta aberta, pois coisas incríveis podem ser feitas partindo das propostas deles. Peça um registro de desenho ou colagem para eles, no caderno de desenho.

entenderem que estão na idade de construir suas identidades pessoais e isso provoca dúvidas nos mesmos. Falar sobre isso e esclarecer dúvidas é retirar preconceitos e inseguranças.

Dê 30 minutos para que eles desenhem. Após esse tempo, peça para se levantarem e irem mostrando para os colegas “mais chegados” e para você, professor. Observem as diferenças, enfatizem os pontos marcantes de suas personalidades que estiverem presente nos autorretratos. Vão surgir risos, vão surgir exageros (como aquele alto que vai fazer pernas enormes, aquele mais acima do peso que vai se desenharm bem gordinho) e até desejos de corpos perfeitos. Dialogue com eles, explique que estão na adolescência e que muitos vão modificar muito com o tempo. Diga que o autorretrato deve ficar no caderno e que fará parte de todo o registro do trabalho. Peça para pensarem quais diferenças enxergam entre a imagem deles no autorretrato e fisicamente e mais, entre o autorretrato e a imagem deles mais novos, quando crianças.

Após o diálogo, peça a eles que parem um pouco e pensem: Teria alguma mania de infância que marcou a vida deles? Algo do tipo chupar dedo ou chupeta, andar descalço, roer as unhas (muitos ainda terão essa mania) ou mesmo algum objeto que guardam como lembrança dessa mania (uma toalha, um urso). Peça para que anotem em seus cadernos esse ato com ou sem objeto, com a descrição dessa ação, para o próximo encontro. Com certeza o horário já foi. Diga que se quiserem e for possível levar o objeto, se houver, na próxima aula, seria bom para o trabalho.

6º Encontro: Vídeos sobre a escola.

Recursos necessários: disposição para sair da sala e ir para a sala de vídeo. Vídeos baixados do *YouTube* e ou computador com acesso a internet e data show, (sala de vídeo). Caderno de desenho, lápis de escrever e colorir.

Acredito ser de extrema importância dar referência aos alunos sobre os temas a serem trabalhados, esse é o objetivo desse encontro. Apenas abro breves parênteses para deixar um pouco mais claro como cheguei a esse tema: esse trabalho se desenvolveu motivado por um acordo com a direção da escola, que recorreu a mim pedindo para desenvolver um trabalho que levasse aos alunos a reflexão em relação à Escola e a importância desta em seu desenvolvimento. Entre os objetivos dessa proposta da direção escolar estava dar o alerta aos alunos sobre um erro comum a toda estrutura escolar, a depredação, observada na forma de escritas em paredes; carteiras, janelas, portas, quadros quebrados; entre outros. Em grande maioria, depredação feita pelos próprios alunos. Durante muito tempo eu pensei em como entrar no tema com os alunos, foi quando decidi levar a discussão até eles por meio de vídeos que os levassem à reflexão. Também pelo fato dos estudantes adorarem aulas diferenciadas, ir à sala de vídeo muitas vezes é um momento incomum sendo mais um atrativo.

6º Encontro: Ação física de memória infantil.

Recursos necessários: disposição para reorganizar ou retirar as carteiras da sala e para dialogar e interagir com os colegas. Caderno de desenho, lápis de escrever e colorir.

Comece a aula perguntando quem trouxe as descrições do hábito de infância, bem como os objetos. Explique o que é uma ação física simples, por exemplo, colher uma laranja (mostre para aluno como você colheria uma laranja imaginária de um pé, de forma devagar e vá aumentando a ação aos poucos repetidas vezes). Explique que esse é somente um exemplo e que a ação pode ser qualquer uma como escovar os cabelos ou os dentes, lavar a louça, se sentar, caminhar, pular, pegar algum objeto. Diga que vão corporificar os hábitos de infância, ou seja, pegar essa mania e fazer dela uma ação corporal, assim como a ação de colher a laranja, e que essa ação terá que se repetir podendo ser alterado o ritmo de lento para rápido. Peça para eles irem pensando em como corporificar essa mania em ação. Se tiver trago o objeto, será possível usá-lo, se não, pode-se imaginar que esse objeto esteja na ação e, é claro, terá ações que não necessitem de objetos (chupar dedo, por exemplo).

Sempre em diálogo com os estudantes, observo que uma das maiores críticas quanto às regras da escola é a não permissão do uso dos celulares (smartphones conectados à rede) durante as aulas, tive ainda mais certeza disso ao dialogar com eles sobre a memória que a escola carrega, ou seja, o encontro passado. Esse assunto é muito polêmico e daria uma bela discussão aqui, o que não é meu objetivo. No entanto, partindo disso, também, resolvi utilizar os celulares em minhas aulas como meio de registro fotográfico. Falarei sobre isso mais adiante.

Mas, voltemos para a prática desse sétimo encontro. Inicialmente e ainda em sala de aula, mais uma vez passo algumas perguntas para que os estudantes reflitam em torno do tema memória, só que dessa vez vinculado ao subtema escola:

1 Qual memória a escola carrega? (Enfatize ao aluno que essa questão é de teor pessoal para ele, partindo da ideia que cada um é um ser individual e absorve ideias vindas de sua referência social).

2 Quais memórias boas e ruins a escola deixa em você? (Peça para refletirem sobre os pontos mais marcantes em relação ao tempo que vivem dentro dos muros da escola, nesse ponto eles podem refletir também sobre a estrutura escolar).

3 A escola continua sendo a mesma de antigamente? (Devem partir do que sabem e pensam sobre a escola de antigamente, essa referência pode ter vindo de vários meios como, família, filmes, vídeos, etc.).

Peça para que abram espaço ao máximo na sala de aula e coloquem-se em círculo. Dê algum tipo de alongamento e aquecimento rápido. Vamos lá, professor, use sua criatividade e experiência! Com certeza, você já fez diversas vezes esse tipo de exercício prático, se não fez, pode recorrer à Viola Spolin novamente. Isso ajuda na concentração da turma, bem como desperta sua atenção. Peça para que caminhem no espaço e analisem como estão se sentindo, como está a respiração, que observem o espaço da sala e se localizem no mesmo buscando uma equalização, não deixando espaços vazios. Quando perceber que a sala está homogênea, peça a eles que parem por um instante, visualizem mentalmente a ação da mania e tentem levar para o corpo essa ação, ainda sem o objeto (e que para isso usem a imaginação). Dê um tempo para que as ações fiquem mais “orgânicas” e peça que continuem andando pelo espaço, depois de alguns minutos peça que parem e façam as ações, repita esse processo mais umas quatro vezes.

Voltem ao círculo, respirem. Pergunte à turma como foi voltar à memória e repetir uma mania de infância. Diga para cada um ir ao centro da roda mostrar sua ação. Deve surgir alguma resistência, mas não deixe isso “pegar” na turma toda. Diga que o exercício já é uma preparação para quando forem a público. Ter vergonha é normal, mas estão todos entre colegas e precisam ultrapassar as barreiras. Deixe o mais corajoso ir primeiro e, se travarem as demonstrações, designe um dos alunos para ir, com carinho e respeito, sempre.

4 O que melhoraria a escola? (Essa questão é uma das mais importantes, pois ela trará a visão de futuro dos alunos, nunca se sabe as “pérolas” que eles têm a dizer, e também as grandes ideias que podem trazer em si, afinal, não tem como prever quais deles acabarão atuando na escola após sua formação).

As respostas devem estar no caderno e devem ser feitas em casa, com tranquilidade e reflexão. Diga que irá passar alguns vídeos que os ajudarão a formular as respostas e que ampliarão o conhecimento e o pensamento dos mesmos com relação à escola e seu surgimento. Enfatize que não se sabe quantos deles voltarão a atuar na escola depois de formados. De qualquer forma, a escola nunca deixará de fazer parte da vida deles, afinal, poderão se casar e ter filhos que estarão inseridos na escola, um dia. É bom sempre lembrá-los que, por mais que não pensem muito no assunto atualmente, eles serão agentes do futuro social e econômico do país, e ter uma visão mais realista do mundo pode ajudá-los a romper barreiras há muito tempo construídas socialmente. Serão agentes do futuro e a bagagem que vão levar em suas memórias é essencial para suas construções como pessoas.

Vídeos:

1º vídeo: The Wall do Pink Floyd. (Letra acessada no site <http://letras.mus.br/pink-floyd/64541/traducao.html>, no dia 12 de novembro de 2014. Vídeo acessado no site <https://www.youtube.com/watch?v=vrC8i7qyZ2w>, no dia 25 de janeiro de 2016).

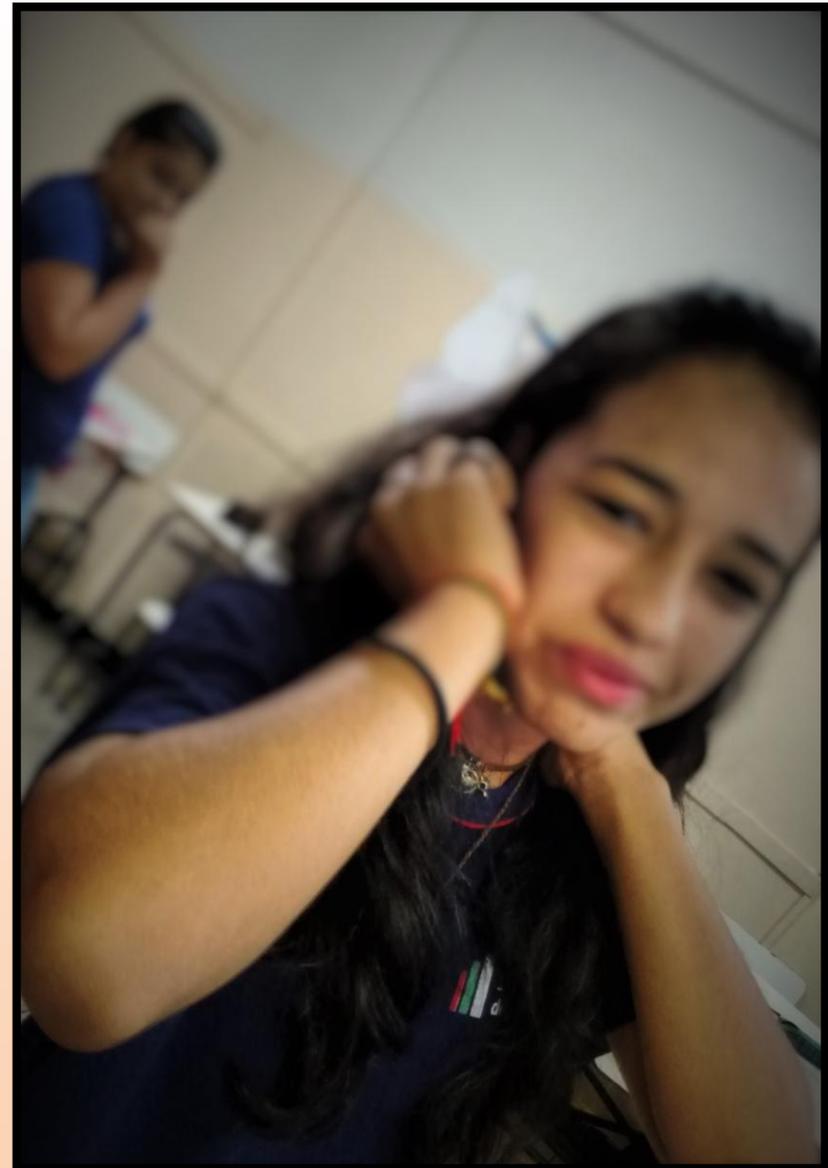
Após todos, ou quase todos, mostrarem suas ações, peça para organizarem as carteiras para o próximo professor e enfatize a importância de guardarem as ações na memória. Diga para anotarem passo a passo os movimentos feitos no caderno, se for preciso. Ao final da aula peça para os alunos pesquisarem na internet o que é Performance na arte, Intervenção Urbana e no que essas técnicas diferem do teatro que conhecem. Professor, prepare-se também para responder essas questões ao longo do trabalho, por mais que esses conceitos se misturem entre si, eles têm explicação histórica. Não é a ideia nesse momento passar toda essa teoria para os alunos, mas mostrar a eles que a arte na escola pode ser apresentada de várias formas incluindo as mais contemporâneas.



O vídeo com a legenda mostra uma discussão muito forte sobre a questão da escola, sua autoridade e a forma como tende a formar pessoas alienadas e totalmente obedientes. Acredito que esse vídeo não esteja tão desatualizado nos dias de hoje, apesar das mudanças e avanços que temos, esses avanços chegaram com muita calma e devagar e ainda temos muito que caminhar para que o avanço realmente chegue. Com o clipe também podemos entrar na questão da arte como meio importante de diálogo.

2º Vídeo: “Café Filosófico – Cpfl Cultura”, com Viviane Mosé, na palestra – O que a escola deveria aprender antes de ensinar. (Vídeo acessado no link https://www.youtube.com/watch?v=EigUj_d5n80 , no dia 15 de novembro de 2014.)

Nesse vídeo a filósofa Viviane Mosé em palestra para o Café Filosófico faz uma retomada do surgimento da escola, sua função e objetivos (geradora de mão de obra para o mercado de trabalho) bem como sua não evolução até os dias atuais. Entender como a escola surgiu e como não mudou muito até nossos dias e quais as razões para isso, é fundamental para a reflexão dos alunos acerca de suas funções e atuação nesse meio, levando-os a pensar sobre a importância de uma modificação de postura, uma reestruturação de sua função e prédio físico bem como a repensar a função da mesma nos dias atuais.



3º Vídeo: Escola da Ponte – Portugal. Reportagem do Fantástico da Rede Globo - Conselho de Classe - em11/12/2011.

(Vídeo acessado no link <https://www.youtube.com/watch?v=8ccgfHfVAdc> , no dia 15 de novembro de 2014.)

Esse vídeo mostra um exemplo de escola que quebrou o tradicionalismo escolar e inovou a forma de ensinar. Para os alunos, é importante ver que existem pessoas quebrando padrões que já estão postos há anos, na tentativa de mudar e tornar o aprendizado mais significativo. Esse vídeo auxiliaria os alunos a responderem a última questão.

Após assistirem os vídeos, pergunte a turma o que acharam e se tem alguma dúvida, peça para voltarem para sala de aula e já comecem a anotar o que acharem importante para responder as questões. Diga que na próxima aula irá olhar as respostas e ter uma conversa sobre elas.



7º Encontro: Roda de conversa: A memória que a escola constrói

Recursos necessários: disposição para reorganizar as carteiras da sala e para dialogar com os colegas. Caderno de desenho, lápis de escrever e colorir.

Gosto muito das coisas degustadas ao máximo, e não digo somente comida, digo tudo. Relações interpessoais, diálogos, observações. O mundo está acelerado assim como as pessoas que o habitam. Isso não muda na escola: alunos correm para aprender, professores correm para dar conta de todo conteúdo, diretores correm para dar conta de todos os problemas, pessoal da cantina corre para dar conta do lanche. Uma correria só. E a escuta? Por isso acredito que esses momentos de diálogo e debates são importantíssimos no meio escolar e na criação de qualquer obra artística. A arte serve tanto a pessoas que têm o que dizer e pessoas que têm espaço para a escuta.

A proposta é organizar novamente a sala em uma grande roda de cadeiras para dialogar sobre as perguntas feitas no encontro passado. Assim como no quarto encontro, parta sempre das perguntas feitas, mas lembre-se, a conversa pode render várias discussões. Não ignore o que seu aluno tem a oferecer. Falar de memória, mesmo que seja a memória da escola, pode fazer surgir outras várias memórias em uma conversa. Levante, também, a questão da depreciação e depredação do prédio escolar, o porquê isso ocorre, se existe uma justificativa e se realmente é necessária essa atitude.

7º Encontro: Grupos para retomada das memórias descritas.

Recursos necessários: disposição para reorganizar ou retirar as carteiras da sala e para dialogar e interagir com os colegas. Caderno de desenho, lápis de escrever e colorir.

Inicie a aula falando um pouco sobre a pesquisa que fizeram a respeito de Performance e Intervenção Urbana e o que eles pensam sobre o tema. Tente clarear a mente deles com alguns exemplos rápidos (professor, sei que às vezes é difícil levar os alunos para a sala de informática da escola. Quando isso não for possível, baixe vídeos em seu computador pessoal e leve para eles assistirem durante a aula. Podem ser vídeos curtos, como a aula será em grupos, isso facilitará a apreciação). A aula hoje será em grupos para debaterem temas a serem trabalhados. Como no quinto encontro surgiram várias memórias com a questão que pedia para os alunos relatarem memórias boas e ruins, chegou a hora de decidirem quais temas vão nortear as ações performáticas.

Após ler os trabalhos dos alunos, professor, anote quais são as três lembranças mais comuns entre eles, pode ser que algumas lembranças se pareçam como por exemplo “brigas familiares” ou “nascimento do irmão mais novo” e até a questão do “primeiro beijo”. Se não houverem lembranças em comum, escolha as que forem mais interessantes e diferentes. Divida a turma em grupos de acordo com a quantidade de lembranças que selecionou, ou de acordo com a afinidade dos alunos com cada tema (de acordo com as lembranças). De qualquer forma, tente equalizar a quantidade de membros nos grupos.

Ao terminar a aula, peça para os alunos trazerem os seus celulares ou câmeras fotográficas. É bom reforçar o pedido porque tem vários alunos que não levam os celulares para escola por proibição dos familiares. Explique que irão usar para o trabalho prático.

Professor, o diálogo com a supervisão e direção da escola é de suma importância no processo de qualquer aula. Portanto, já converse com a coordenação para explicar seu projeto e avisar sobre o uso do celular. Diga da importância do uso dos meios digitais na escola atual, explique também que fará uma atividade fora da sala e pela escola para causar menos transtornos. Ao término do encontro, peça aos alunos um registro escrito do que foi conversado.



A ideia é que o grupo dialogue sobre os temas e já pense em uma forma de construir uma ação coletiva com os seguintes princípios: que envolva o tema escolhido; que em dado momento surjam as ações individuais das manias de infância de cada um e que tenha algo falado na ação.

Um pouco do que foi minha experiência com essa prática: na turma que trabalhei dessa forma, esse algo a ser dito surgiu por meio de cartas que os alunos escreveram em grupo, relacionadas aos temas desses grupos. Por exemplo:

- **Grupo 1: Primeira paixão (o que é se apaixonar).**
- **Grupo 2: O primeiro beijo (como pode ser o primeiro beijo).**
- **Grupo 3: Morte (o que seria morrer para os jovens).**

Mais adiante, vou mostrar como ficaram essas cartas.

O bom de partir de tema vindo das memórias dos alunos é um maior envolvimento dos mesmos na ação. Peça a eles que escrevam essa ação pensada em grupo e entreguem a você ao final da aula. Existem coisas que ficam mais compreensíveis ao falar, portanto, se preferirem explicar a você o que eles estão pensando, também vale. Nesse caso, professor, anote os pontos fortes da ação.

Deixo aqui exemplo das cartas escritas em grupo por meus alunos, que havia citado:

Uberlândia 30 de abril de 2015.

Está carta e dedicada ao logos do amor.

Estamos aqui na sala de aula com nossos colegas discutindo sobre o tema "PAIXÃO" e decidimos lhe fazer uma carta para lhe pedirmos sua ajuda.

No princípio da conversa percebemos que cada um tinha uma opinião sobre a paixão:

Jhuly: A paixão não deveria existir.

Ingride: Paixão é ilusão.

João Lucas: Paixão é sofrimento.

Kesley: Paixão é diferenciada de amor.

Alexandre: A paixão tem apenas aparência de amor.

Carlos Eduardo: Paixão é "amor" não correspondido.

Lídia: "eu" acho que paixão é uma identificação ou desejo não deveria nem ser comparada com o amor.

Depois de conversamos muito chegamos à conclusão que paixão não é nada mais que desejo ardente, e também percebemos que quase ninguém sabe o que é amor porque sempre esteve apaixonado pelos filhos, pai, mãe, trabalho, roupa... etc.

Então estamos lhe escrevendo está carta para pedirmos mais amor e compreensão porque sem amor não temos compreensão e sem compreensão não temos amor.

de: Apaixonados

para: Logos do amor

Uberlândia, 30 de abril de 2015

Pra alguém.

Certo minha amiga, falar sobre 1º beijo pode ser um tanto constrangedor, mas todas nós já passamos ou ainda vai passar por essa experiência, e essa carta é pra esses dois tipos de garotas.

A sensação que você sente quando está lá, beijando determinada pessoa, perdemos o seu tão esperado “BV”, só você mesma pode descrever: nervoso, nojo, felicidade, paixão, ansiedade e até mesmo medo. Não importa, porque só você vai realmente saber como foi.

Não sei se todas vão concordar comigo, mas, o 1º beijo é composto principalmente de sensações. E pode ser tanto aquela sensação horrível de ter uma meia usada na sua boca a também aquelas que todas nós queremos: as famosas borboletas no estômago, que quando vocês se separam, parece que o mundo tá girando.

Tudo bem; talvez eu esteja sendo um tanto emotiva e clichê, mas para nós, meninas, tudo isso é importante é de certa forma especial, porque não vamos esquecer esse momento de um dia para o outro (mesmo se quisermos).

Agora, para aquelas que ainda não tiveram essa experiência, acredite você pode esperar por qualquer coisa. Porque pode ser ou não ser do jeito que você sonha. Mas não pense nisso como uma coisa ruim, afinal, surpresas sempre deixam uma marquinha na sua memória.

Muitas de nós tiveram experiências particularmente ruins, mas acho que existem dois tipos do 1º beijo.

Um deles é aquele que você realmente beija pela primeira vez e o outro, cujo eu acho particularmente importante é quando você para e pensa: "Senhor! Tô sem chão!" Porque gente, não tem nada comparado a sentir como se tivesse um vulcão em erupção no seu rosto e um tanto de borboletas enlouquecidas na sua barriga. Aquela sensação do nervosismo quando sabe que vai ficar com aquele garoto lindo que você tá afim já faz um tempo no final da aula e quando você chega lá, suas mãos ficam suadas de ansiedade.

Meu Deus, essas são sensações maravilhosas e nada no mudo pode pagar por elas.

Então minha amiga, se o seu 1º beijo foi um desastre, relaxa que não é o fim do mundo, porque você não é a única, e quando tiver outra oportunidade e, nessa sim, você sentir todas aquelas sensações e sentimentos que citei você vai querer pular e gritar de emoção; certo, talvez nem tanto, mas que vai

sentir uma felicidade um pouco exagerada, vai. E o melhor, você terá na sua memória duas experiências distintas, mas com igual importância. Uma pra lembrar com risadas e a outra pra lembrar com certo carinho.

E claro, sem me esquecer de você que está lendo tudo isso de um jeito alheio, fica tranquila que seu dia vai chegar e mesmo que você não esteja esperando, no final vão entender tudo isso, mas também vai ter aquela sensação, aquele sentimento que só você mesma vai realmente compreender.

De alguém

Beijos

As cartas foram incorporadas na ação final dessa turma, bem como as ações de “manias da infância”. A ação consistia em todos juntos diferenciados pela cor das roupas. Todos do grupo da Morte estavam de roupas brancas, os do grupo da Primeira paixão estavam de cor de rosa e os do Primeiro beijo estavam de vermelho. Os estudantes performáticos entravam em cena juntos e encontravam seus lugares no espaço e, assim, executavam as ações de “manias infantis” cada qual utilizando objetos já dispostos pelo espaço. Cada grupo tinha uma música e quando ela tocava todos os seus integrantes viravam estátuas até que ela terminasse. Quando a música parava, eles começavam a falar a carta como se a lessem, mas o texto contido nela foi decorado para essa ação, eles somente fingiam ler uma carta invisível. Após o término da “Leitura da carta” todos voltavam a fazer as ações de “manias” novamente. Ao término da ação cênica do último grupo, eles simplesmente saíam de cena.

8º Encontro: Registrando as memórias que o prédio escolar carrega.

Recursos necessários: disposição para sair da sala e registrar por meio de fotos a construção escolar. Celular ou máquina fotográfica. Caderno do aluno para anotar tema para pesquisa extraclasse.

Locais carregam memória, ou melhor, carregamos vários locais em nossa memória: o caminho da casa de um amigo, um local onde você beijou a pessoa amada pela primeira vez, o local de seu primeiro trabalho, e é claro, as escolas por onde passamos na juventude. Todas as imagens desses locais ficam registradas em nossa mente e uma foto ou mesmo uma breve passada perto desses locais faz com que momentos passem em nossa mente.

A ideia aqui é propor aos alunos que andem pelo prédio escolar e registrem por meio de fotos os locais mais bonitos e significantes desse local, bem como as depredações, pichações, e descuidos que existem na escola. Peça para que, na hora do registro, eles se lembrem dos vídeos que foram passados e da discussão sobre a escola parecer uma fábrica. Tente motivá-los também a encontrar uma forma de registrar por meio de foto os sons que a escola carrega (o sino do sinal, os pratos que simbolizam recreio, etc.). Deixe-os livres para ver o efeito que isso vai surtir. Pode ser que alguns alunos apareçam em todas as fotos, por isso é bom enfatizar que o foco é a estrutura escolar. Dê 20 a 30 minutos para que façam essa atividade de registro e que voltem para a sala de aula ao término desse horário.

8º Encontro: Experimentando ações.

Recursos necessários: disposição para reorganizar ou retirar as carteiras da sala e para dialogar e interagir com os colegas. Caderno de desenho, lápis de escrever e colorir.

Libere espaço na sala, faça um alongamento para que os alunos acordem seus corpos e aumentem o foco da atenção. O jogo de troca de olhar ajuda muito. A ideia, agora, é por em prática a proposta que desenvolveram no encontro passado. Tudo vai depender do que pensaram para a ação. Na minha experiência, as cartas já estavam escritas, então parti disso e das ações das “manias infantis”. No seu caso, professor, vai depender do que foi construído anteriormente com sua turma.

Após alongar e fazer o jogo da troca de olhar, peça para que andem pelo espaço mudando o ritmo e observando colegas e espaço, com o objetivo de aumentar a concentração. Peça para pararem e fazerem as ações preconcebidas anteriormente. Se tiverem algo escrito, pode pedir para lerem em certos momentos, mudando as formas de leitura como: dar a intenção de raiva, de amor, de alegria, de tristeza; ler como se fosse um idoso, uma criança, um fanho; aumentar o volume da leitura ou diminuir; mudar a postura corporal como ler no plano baixo ou no plano alto, ler equilibrando em uma só perna, ler dando pulinhos. Essas variações devem passar pelos alunos de modo que eles sintam que podem modificar a leitura de várias formas, dependendo do que querem passar na cena.

Ao retornarem para a sala, peça para irem mostrando as fotos tiradas entre os colegas e vá vendo, também. Vão questionar o porquê dessas fotos e o que será feito delas. Explique que as fotos farão parte de um trabalho teatral a ser apresentado na escola e que, por isso, cada aluno deve escolher duas fotos, uma que retrate o local mais bonito ou agradável da escola e outra com o registro do local mais feio, destruído, ou que carregue a pior memória da escola. Peça que usem o bom senso na escolha de modo a não expor e nem magoar ninguém.

Ao final da aula, peça para os alunos pesquisarem na internet o que é Performance na arte, Intervenção Urbana e o que as difere do teatro que conhecem. Professor, se prepare também para responder essas questões ao longo do trabalho. Por mais que esses conceitos se misturem, eles têm explicação histórica. Não é a ideia, nesse momento, passar toda essa teoria para os alunos, mas mostrar a eles que a arte na escola pode ser apresentada de várias formas, incluindo as mais contemporâneas. A meu ver e pelas experiências que venho vivenciando na escola, a arte cênica contemporânea é potente e fácil de ser incluída na rotina escolar, por poder ser elaborada sem muitos ensaios e em menor tempo que um espetáculo teatral completo. A escola pede resultados pontuais e rápidos, algo que me traz muitas críticas que não vêm ao caso, no momento. E, como carrego em mim que o mais importante nas aulas de teatro é o processo, observo que a arte contemporânea traz um produto rápido, onde o processo pode ser exposto por meio de debate, exposição de fotos e escritos dos alunos. Isso não tira o valor da apresentação de um espetáculo pronto, por mais que esse demore mais a se efetivar. A opção por um tipo ou outro de trabalho teatral depende da disposição dos alunos e do espaço que a escola oferece, bem como do apoio dos demais professores.

Professor, você deve sentir o que o trabalho pede, no nosso caso sentimos que as cartas eram extensas demais para serem ditas por todos do grupo em coro. Foi quando decidimos dividi-las em partes e cada parte foi passada para um do grupo. Por isso, a importância de escuta dos alunos. Se os seus alunos fizeram mais um esquema de ações para mostrar, depois de ler as partes textuais, dê cinco minutos para que eles se organizem para mostrar como seria essa ação. Partindo daí, você poderia ir dando ideia e sugestões para o trabalho de cada grupo. Tudo vai depender da intenção e produção esquemática de cada grupo.



9º Encontro: Ocupando espaços do prédio escolar: intervenção Urbano-escolar.

Recursos necessários: disposição para sair da sala e explorar o espaço externo escolar. Celular ou máquina fotográfica do professor para registro fotográfico da ação. Caderno de desenho, lápis de escrever e colorir.

Chegando na sala, converse sobre a pesquisa que pediu na aula passada e veja o que eles trazem de informação e dúvidas. Como disse anteriormente, o assunto vai ser conversado durante as próximas aulas, enquanto os alunos forem fazendo as atividades práticas. Explique que a atividade será fora da sala, o que pode causar uma certa euforia. Tente acalmar os ânimos explicando que a escola é um espaço comum e que, por não ser o objetivo atrapalhar as outras turmas e professores, eles devem conversar na sala antes de sair para fazer a atividade.

Peça para fazerem 5 grupos, coloque um número mínimo e um máximo de participantes do grupo. Se for preciso mediar essa separação, faça-o. O trabalho é simples:



Próximos encontros:

O nosso resultado partiu desse último encontro, criou corpo e o esquema da ação performática intitulada “Memória in Performance”. Daí partimos para experimentações em sala de aula, quase um ensaio onde os próprios estudantes, que iam escolhendo o que seria usado na apresentação e o que ficaria de fora.

Foi em um desses “ensaios” que eles decidiram colocar música na apresentação final e pediram para que eu operasse o tempo de música e o som. Ficamos mais 3 encontros nos preparando para a apresentação, organizando objetos memória que estariam nas ações de “manias infantis”, escolhendo quais roupas seriam mais indicadas para estarem em cena e decorando as partes das cartas que cada um falaria. Chamo de “Objetos memórias” aquele objeto que trás em si um significado pessoal para o aluno como uma fralda, um sapatinho, uma chupeta, um ursinho. Objetos vindouros da infância com carga de significados e lembranças. Talvez esse termo venha a ser uma referência ao encenador polonês Tadeusz Kantor, pois este foi foco de pesquisa na graduação e trabalha com objetos cênicos carregados de histórias.

- 1 Cada grupo terá que escolher um local físico na escola (perto do bebedor, a quadra, uma sala vazia, a biblioteca, o barzinho, etc.) e pensar em como seus corpos podem habitar esse local de forma que o deixe mais bonito, alegre e artístico. Os corpos poderão demonstrar o que o grupo quer dizer sobre o local por expressões faciais, expressões corporais e pela forma que estarão dispostos no local. Da mesma forma que pode também não querer dizer nada sobre o local podendo simplesmente achar uma forma de compor o espaço com o corpo de forma simples, apenas por estar.**
- 2 Após testarem a ocupação, cada um do grupo sai e olha o que fizeram para o caso de quererem mudar algo. Se o grupo sentir que terminou o exercício, deve chamar o professor para o registro.**
- 3 Professor, você deve ir ao local e tirar uma foto desse espaço ocupado pelos alunos, e outra com o espaço vazio. Faço meus registros pela câmera do celular mesmo e, para não bagunçar as fotos, renomeio com o número da sala e do grupo. Mostre aos alunos, eles adoram ver os resultados.**
- 4 Ao término de todo processo de registro, voltem para a sala e pergunte como foi. É a hora do registro no caderno de desenho como as aulas anteriores. Peça impressões e pergunte o que eles acabaram de fazer.**

Sempre que iniciava um encontro eu trabalhava um jogo (da minha memória como aluna, ou recorrendo a Spolin).

Ao término de todo o trabalho e da apresentação, os alunos pediram para fazer um trabalho com falas, marcações, cenário, figurinos e adereços, assim como um teatro manda, não recusei e partimos para uma montagem para o dia da Consciência Negra. Percebi que, partindo da ação performática, eles foram criando mais confiança neles mesmos e em mim para seguirmos com um trabalho mais elaborado. Não obtive nenhuma recusa e isso na escola é um grande ganho. Os estudantes não quiseram mais parar, pois o envolvimento de todos foi ficando cada vez mais forte.

O importante é ir registrando todo processo no caderno por meio de escritas livres, desenhos, colagens e, ao fim, fotos das apresentações, como um diário do artista, um portfólio que servirá tanto para a reflexão dos alunos em torno de todo o processo vivenciado, como material de avaliação. Pensando que avaliação em artes é algo delicado e que vem sendo muito discutido, ter um material que pode apoiar o professor nessa hora é uma grande ferramenta de trabalho e incentivo para futuros trabalhos. Apresentar o trabalho para o público e ter esse registro é muito importante para que os alunos percebam o crescimento das cenas. Quando vai a público, o trabalho cria outro corpo e produz memórias em quem faz e em quem vê.

Ao perguntar, terá alunos que vão dizer que foi Performance, outros que foi Intervenção Urbana. Permeie as discussões com explicações e pontuando a diferença de cada uma. Ao final, se não tiver ficado claro, diga que foi um teste de intervenção Urbana e que você registrou para que pudessem ver o quanto um corpo pode alterar um espaço, principalmente quando colocado de forma artística. Essas conversas são esclarecedoras aos alunos. Pontue a importância de um corpo concentrado em cena, um corpo presente e entregue a sua arte e a informação que quer passar. Se sentir necessidade, salve as fotos no computador e mostre aos alunos com calma na próxima aula.

Eles verão como o ambiente se modifica com a presença do corpo e da relação que esses corpos passam. Explique que a memória está ali contida, na forma de memórias deles mesmos ao pensarem o que aquele local carrega em si, quais relações vivenciaram naquele local e qual ideia que gostariam de passar com seus corpos ocupando aquele local. Fora o fato de que, ao atuarem nessa atividade, também vivem um momento que poderá se tornar memória para eles.



10º Encontro: Ação performática

Recursos necessários: disposição para reorganizar as carteiras da sala e para dialogar com os colegas. Caderno de desenho, lápis de escrever e colorir.

Converse sobre a aula passada, pegue impressões dos alunos. Veja se algum deles quer ler o que escreveu no caderno. Em seguida, dê uma passada olhando os cadernos e valorizando sempre os que fizeram o registro porque isso os motiva a não parar. Chegou a hora de elaborarem uma intervenção performática para ser apresentada na escola.

- 1 Primeiro, peça para reunirem-se em grupos, dentro de sala mesmo, os mesmos grupos que fizeram a intervenção urbano-escolar da aula passada.**
- 2 Ainda de forma geral, peça para que eles primeiramente mostrem as duas fotos escolhidas de cada um onde mostram a parte mais bonita e a mais feia da escola.**
- 3 Após todos apreciarem as fotos um do outro, deverão escrever um roteiro de ação performática. Se preciso explique ao aluno como é uma Performance (pode ser uma sua, professor). Contraponha a diferença entre a ação e o espetáculo ensaiado e com falas pontuais. Nessas ações, as fotos escolhidas devem ser usadas, se não fisicamente, por meio de inspiração.**

4 Vá passando pelos grupos, tirando dúvidas, auxiliando-os a terem ideias possíveis de se colocar em prática.

5 Sobrando tempo, peça para cada grupo explicar quais ações pensou. Se não sobrar, desmembre esse encontro em dois. Em conjunto, monte somente uma ação coletiva com as cinco ações dos grupos, existirá uma forma de uni-las. Se não a encontrarem, pode-se optar por retirar alguma ação ou, ainda, por unir duas em uma só, pode também ser escolhida alguma para ser usada nas transições. Dependendo da proposta dos alunos, pode-se apresentar as 5 ações cada qual em uma parte da escola simultaneamente. A mágica das ações performáticas é que podem ser usados vários meios de organização e forma de ser mostrado. Não tem regras. (Optei por chamar de Ações Performáticas para não ter a necessidade de rotular o trabalho como sendo Happening, Performance-art, intervenção Urbana, Teatro, Cena, Improvisação, jogo...)

Com essa ação pronta, podemos partir para o processo de desinibição dos alunos, afinal vão a público e é sempre complicado para a grande maioria se expor. Antes, porém, deixo aqui o roteiro que foi construído na experiência que tive para que possa inspirá-lo, professor:



Os alunos desceriam a rampa da escola marchando e todos vestidos de preto (essa forma representaria as regras da escola e seu padrão meio fábrica/presídio) e formariam um corredor como que uma passarela. Nessa passarela, desfilariam quatro alunos vestidos como modelos “Top Models” carregando cartazes com fotos da escola (fotos essas que retratariam as partes depredadas – feias e as partes conservadas – bonitas, da escola). Dois desses “modelos” se manteriam belos e segurando os cartazes que retratavam as partes conservadas da escola, já os outros dois se sentariam em cadeiras e seriam desarrumados (seriam bagunçado os cabelos, passado batom de forma a manchar seus rostos, seriam escritas coisas em seus braços e mais ações com o intuito de deixá-los com uma má aparência, como a estrutura escolar) e, após a ação de deixá-los “feios”, eles se colocariam ao lado dos “modelos bonitos” e segurariam os cartazes com fotos da escola depredada. Ficariam algum tempo ali parados para que todos pudessem vê-los, afixariam os cartazes nas paredes da escola e subiriam a rampa em silêncio. (Diário de classe pessoal, 2015)



Perceba no exemplo que existem várias partes inspiradas nos debates em sala de aula, nas referências dos vídeos assistidos e na questão da depredação do prédio escolar. A forma mais simples de dar voz aos alunos é ver como eles tratariam um tema sério de forma artística e cênica. Deixar as fotos expostas é uma forma de manter a discussão que foi colocada com a cena. As apresentações devem acontecer sempre no horário do intervalo ou em datas onde todos os alunos estejam dispostos e livres a assistir. O professor pode optar também por registrar a ação e depois adicionar as fotos à exposição já iniciada pelos alunos, onde se mostra o processo de montagem da ação. Após a primeira ação ir a público, alunos sempre vêm com mais ideias de ações. Não corte a criatividade deles, pelo contrário, valorize e escute sempre suas ideias. Veja se existe a possibilidade de colocá-las em prática e divida com o restante da turma podendo, assim, encontrar meios de fazer as ideias “saírem do papel”. O mais importante é deixar claro para quem faz e para quem vê o que se quer dizer, o que se quer passar com a ação.

No dia da apresentação, faça um jogo anteriormente para concentração e repasse os passos da ação. Divida as responsabilidades de quem vai trazer os materiais necessários, escolham em conjunto as roupas a serem usadas e, assim, todos se envolvem na atividade. Aquele aluno muito tímido que não quer se envolver cenicamente pode auxiliar de várias formas, no som ou no registro da ação, por exemplo. O importante é motivá-lo a estar com os colegas ativamente.



11º Encontro: Jogos.

Recursos necessários: disposição para reorganizar ou retirar as carteiras da sala e para dialogar e interagir com os colegas. Caderno de desenho, lápis de escrever e colorir.

Antes de a ação performática ir a público é bom preparar os meninos para estarem expostos em cena. Para isso, existem jogos de autores consagrados como Viola Spolin e Ingrid Koudela, que são os mais conhecidos e usados por professores. Não é meu intuito aqui reproduzir a forma de utilizar os jogos teatrais em salas de aula, já que isso está nos livros das autoras. Sigo sempre as ideias dos encontros iniciais descritos nesse trabalho, por meio de roda dentro da própria sala de aula mesmo, o que dá certo trabalho. E também altero algumas indicações dos jogos a modo de adequar à realidade de tempo de aula, utilizo muitos jogos de minha memória, os jogos que professores davam na época de faculdade e alguns que vem da intuição.

Não importa quais jogos você use, tem que pensar a finalidade que se quer com o jogo. Se é um corpo mais presente, se é uma maior concentração, se é uma maior desinibição, ou ainda, se é uma maior capacidade de improvisação. Uma preparação para a prática teatral que parta de jogos, independente se é ação performática ou iniciação ao teatro, é a forma mais divertida e prática de levar o aluno a se incorporar no teatro, aumentando sua capacidade e seu repertório para a realização da arte cênica. Partindo da ideia de que qualquer pessoa pode vir a atuar, os jogos são uma forma de aproximar ainda mais os alunos do mundo teatral, já que teatro é prática e experimentação.



No caso de jogos, trabalhar o improviso é sempre bom e divertido até porque ele trabalha bem a memória dos alunos. É bom permear jogos teatrais que trabalhem o improviso, a presença em cena, o corpo e a desinibição, bem como a espacialidade entre quem está em cena e quem assiste, ou seja, palco e plateia.

Utilize umas três ou quatro aulas para fazer jogos com os alunos antes da apresentação e, dependendo do envolvimento deles, estenda esse tempo. Enquanto fazíamos os jogos em sala, um dia um aluno quis que eu relatasse uma performance que eu teria feito na faculdade. Ao contar a experiência, os estudantes quiseram experimentar a mesma ação que consistia em sair em grupo para um local público com muitas pessoas, onde dançaríamos com fones de ouvido, cada qual suas músicas preferidas. A turma decidiu fazer isso no recreio e a seguir deixo o relato para mais uma inspiração:

O dia em que a dança silenciosa tocou a alma de todo o recreio.

Estavam todos de roupa preta, sorrisos ansiosos e muito nervosismo, aquele sorriso “sapeca” crescia no rosto dos mais corajosos, mas muitos me procuraram pedindo para somente observar a ação. Bem que tentei convencer alguns, mas nem todos, de início, aceitaram o desafio, agora que estava na “hora do vamos ver”.



Faltavam dez minutos para o primeiro recreio, pegamos os fones de ouvidos e celulares e descemos. Pedi para que os alunos se espalhassem pelo espaço do pátio da escola, alguns se sentaram para observar, os estagiários sumiram por um tempo e voltaram cheios de gás em cinco minutos, animando os alunos já em seus lugares. Ao sinal, todos dançariam suas músicas favoritas saídas de seus fones de ouvidos. Cada qual seu ritmo, seu jeito e sua emoção. Quando o sinal do início do recreio toca e as outras turmas saem para o lanche, a grande surpresa foram aqueles que dançavam uma música silenciosa. O aluno que não queria participar de início se aproxima de mim e mostra que registrava (vídeo) toda ação pelo meu celular. Em seguida, solicita meu fone de ouvido, pois, como ele não iria participar, não trouxe o seu. Indaguei qual música dançaria, já que não estava com o celular e a resposta me surpreendeu: — Professora, o fone é só pros espectadores verem que estou na intervenção cênica, a música que vou dançar está na minha cabeça!

Incrível foi ver que ele dançava mais animado que os colegas que estavam ouvindo as músicas, sua dança única e silenciosa aos outros! E foram 15 minutos demorados e rápidos ao mesmo tempo. Quando a energia baixava, Mário e Célio davam uma agitada. Os dois estagiários fizeram trezinho e roda, onde cada um por vez dançava no centro. Quem assistia tinha o olhar curioso. Comentavam entre si toda a ação, alguns achavam loucura, outros uma loucura boa!



Tinham os que arriscavam entrar na dança mesmo sem música, outros vinham me perguntar se aquilo era teatro ou ensaio. Me diverti mais com os comentários de quem via, do que com a imagem divertida de alunos numa festa com barulho de recreio de escola. Me diverti, os alunos se divertiram e se empolgaram muito para a intervenção cênica “A memória que a escola traz”. Terminei o semestre letivo com gosto de quero mais. Próxima semana, vou pedir os registros do que foi para eles.

Foi muito válida a experiência...

(Diário pessoal, 2014)

Levar os alunos a fazer pequenas ações durante o processo de criação de uma ação mais elaborada ajuda muito na desenvoltura dos estudantes em cena. Ações físicas como andar pelo recreio de olhos vendados com um guia, ficar em uma posição imóveis, carregar cartazes escritos “abraços gratuitos”, entre outras, motivam os estudantes e fazem com que a criatividade só aumente na concepção das ações cênicas. É importante sempre verificar o que os alunos têm a dizer, o que eles querem passar, por mais que a leitura de uma cena artística seja totalmente subjetiva e pessoal.

Quadro Resumo:

Geral:

	Recursos	Atividade 1	Atividade 2	Avaliação e feedback
1º ENCONTRO: Conhecendo o colega! Ou... Divertindo com o colega.	Disposição para retirar carteiras da sala e para interagir com os colegas. Caderno de desenho, lápis de escrever e colorir.	Jogo de apresentação em roda - Apresentação de nome com movimento	Jogo de apresentação Exagerando o colega (Imitação coletiva)	Encerramento do encontro: Conversa sobre a experiência e registro no caderno sobre os jogos: por meio de desenhos, escritas ou mesmo colagens.
2º Encontro: O olhar...	Idem	Troca de olhar (com pontos de passagem)	Continuação do jogo Troca de olhar (sem pontos de passagem)	Ocupação e observação espacial. Encerramento do encontro: Registro como o da aula passada.
3º Encontro: Memória	Disposição para retirar carteiras da sala e para interagir com os colegas. Caderno de desenho, caneta ou lápis Disposição para ouvir.	Questões para serem respondidas: 1 Quem é você? 2 Para você o que é memória? 3 Relate a memória mais e a menos significativa para você até este momento.	Jogos que trabalhem a espacialidade.	Finalização dos jogos, com tempo para que os alunos respondam com calma as perguntas propostas.
4º Encontro: Debate sobre memória	Disposição para reorganizar as carteiras da sala e para conversar sobre um tema com os colegas. Caderno de desenho, lápis de escrever e colorir.	Em círculo sentados: debate de cada uma das perguntas da aula passada, levando a turma à reflexão sobre o tema memória.	Troca entre alunos: peça aos alunos que troquem entre si as respostas.	Encerramento: Peça aos alunos que registrem em seu caderno o encontro, com sensações, desenhos, colagens ou texto como em um diário.

Primeiro caminho: a poética escolar em memória

	Recursos	Atividade 1	Atividade 2	Avaliação e feedback
5º Encontro: Qual memória a escola carrega?	Disposição para reorganizar as carteiras da sala e para interagir com os colegas em grupo, tanto em diálogo verbal quanto corporal. Caderno de desenho, lápis de escrever e colorir.	Escrita de questão no quadro da sala: <i>Quais memórias a escola carrega?</i> Um por vez deve ir até o quadro e escrever uma dessas memórias.	Formação de grupos para produzir ações corporais.	Encerramento do encontro: Registro de desenho ou colagem no caderno de desenho.
6º Encontro: Vídeos sobre a escola.	Disposição para sair da sala e ir para a sala de vídeo. Vídeos baixados do <i>YouTube</i> e ou computador com acesso a internet e data show, (sala de vídeo). Caderno de desenho, lápis de escrever e colorir.	Questões a serem respondidas para o próximo encontro: 5 Qual memória a escola carrega? 6 Quais memórias boas e ruins a escola deixa em você? 7 A escola continua sendo a mesma de antigamente? 8 O que melhoraria a escola?	Apreciação na sala de Vídeo: 1º vídeo: The Wall do Pink Floyd. 2º Vídeo: “Café Filosófico – Cpfl Cultura”, com Viviane Mosé, na palestra – O que a escola deveria aprender antes de ensinar. 3º Vídeo: Escola da Ponte – Portugal. Reportagem do Fantástico da Rede Globo - Conselho de Classe - em 11/12/2011.	Resposta das questões propostas.

7º Encontro: Roda de conversa – A memória que a escola carrega	Disposição para reorganizar as carteiras da sala e para dialogar com os colegas. Caderno de desenho, lápis de escrever e colorir.	Em círculo sentados: debater cada uma das perguntas da aula passada, levando a reflexão sobre o tema memória que a escola carrega.	Escrita de lista de necessidades de equipamento para o próximo encontro: Celulares ou câmeras fotográficas.	Registro de impressões do debate no caderno.
8º Encontro: Registrando as memórias que o prédio escolar carrega.	Disposição para sair da sala e registrar por meio de fotos a construção escolar. Celular ou máquina fotográfica. Caderno do aluno para anotar tema para pesquisa extraclasse.	Fotografia do espaço interno da escola.	Escolha de duas fotos para revelar.	Pesquisa na internet: o que é Performance na arte, Intervenção Urbana e quais são as diferenças entre elas e o teatro que os estudantes já conhecem.
9º Encontro: Ocupando espaços do prédio escolar: intervenção Urbano-escolar.	Disposição para sair da sala e explorar o espaço externo escolar. Celular ou máquina fotográfica da professora para registro fotográfico da ação. Caderno de desenho, lápis de escrever e colorir.	Aula externa e em grupos para experimentar a ocupação das memórias do espaço escolar	Discussão sobre a prática realizada no espaço externo da escola	Registro no caderno de desenho com impressões e do trabalho feito.
10º Encontro: Ação performática	Disposição para reorganizar as carteiras da sala e para dialogar com os colegas. Caderno de desenho, lápis de escrever e colorir.	Elaboração de intervenção Artística.	Junção de tudo numa coisa só: Em conjunto, montar somente uma ação coletiva.	Registros no caderno sobre a elaboração da intervenção.
11º Encontro: Jogos.	Disposição para reorganizar ou retirar as carteiras da sala e para dialogar e interagir com os colegas. Caderno de desenho, lápis de escrever e colorir.	Trabalho teatral para desinibição dos alunos com Jogos Teatrais.	Jogos teatrais.	Registros sobre as atividades deste encontro.

Segundo caminho: a poética do Eu em memória

	Recursos	Atividade 1	Atividade 2	Avaliação e feedback
5º Encontro: Memória in Performance.	Caderno de desenho, lápis de escrever e colorir.	Autorretrato.	Discutindo sobre os autorretratos.	Pergunte: Teria alguma mania de infância que marcou sua vida? Peça para que anotem nos cadernos e descrevam essa ação, para o próximo encontro.
6º Encontro: Ação física de memória infantil.	Disposição para reorganizar ou retirar as carteiras da sala e para dialogar e interagir com os colegas. Caderno de desenho, lápis de escrever e colorir.	Ações Físicas (hábitos de infância).	Mostra da ação para os colegas e a professora.	Pesquisa na internet o que é Performance na arte, Intervenção Urbana e o que as faz diferentes do teatro que eles já conhecem.
7º Encontro: Grupos para retomada das memórias descritas.	Idem	Trabalho em grupo sobre memórias pessoais.	Registro de ações em grupo.	Registro no caderno sobre a elaboração da intervenção.
8º Encontro: Experimentando ações.	Idem	Desenvolvimento da ação teatral	Colocação de fala nas ações	Registros no caderno sobre a reelaboração da intervenção.
Próximos encontros:	Os mesmos das aulas anteriores.	Imagino atividades em que o professor dedique algumas aulas para trabalhar a desinibição dos alunos, para isso, sugiro trabalho com Jogos Teatrais.	Jogos Teatrais.	Sugiro que o aluno seja sempre incentivado a fazer registros para que, ao final do processo, todo o trabalho esteja documentado